

FOTOGRAFIA

O abraço retratado
no Brasil por Mads
Nissen é a foto do ano
no World Press Photo

ENTREVISTA

Mauro Cezar
Pereira e a
paixão pela
reportagem

DESTAQUE

Bolsonaro é
réu em ação
do Sindicato
contra assédio

PERFIL

Literatura e
jornalismo: a
obra de Oswaldo
de Camargo

JORNALISTAS: TESTEMUNHAS E VÍTIMAS DA PANDEMIA

NO BRASIL DE BOLSONARO, JORNALISMO É ITEM DE PRIMEIRA NECESSIDADE PARA A PROTEÇÃO POPULAR CONTRA A DESINFORMAÇÃO E O VÍRUS; NA LINHA DE FRENTE, REPÓRTERES ESTÃO EXPOSTOS À CONTAMINAÇÃO E À MORTE

EDITORIAL

Quem defende o jornalismo?

Entramos em maio sem perspectiva concreta de fechar o acordo salarial dos jornalistas no segmento de rádio e TV. A data-base é 1º de dezembro, e a inflação bateu em 5,2%. Há mais de 20 anos, o modelo de negociação estruturado nesse segmento é o de reajustar os salários no máximo pela inflação, compartilhando eventual ganho econômico apenas por meio da fixação de PLR (participação nos resultados) na

Convenção Coletiva, que varia de 45% do salário (nas grandes emissoras) a 30%.

Pois as empresas entraram na atual negociação dispostas a achataram os ganhos da categoria, propondo 0% de reajuste e retirada da PLR da Convenção Coletiva! Em janeiro, acenaram com 2% de reajuste, e, em março, 2,25% a partir de março e 2% em outubro próximo (totalizando 4,3%). PLR, zero.

Passar a boiada

Na mesa de negociação, argumentos não faltam para os jornalistas defenderem a correção inflacionária de seus ganhos. O principal é que, sob a pandemia, o jornalismo reforçou sua relevância social, virando o jogo contra as chamadas *fake news*. Com a chegada de uma doença desconhecida e altamente contagiosa, as pessoas passaram a buscar informação confiável. Emissoras de rádio e TV e portais de internet registraram aumento progressivo de audiência. O material jornalístico ampliou a presença nas grades de programação, sendo o motor das empresas neste período.

Como resultado, na área de comunicação, o segmento de rádio e TV é o que melhor passou pelo último ano. A Globo tem seu resultado aberto, e podemos ver que teve um lucro superior a R\$ 170 milhões no ano passado. Houve uma redução em relação a 2019, é certo, mas a emissora continua firme no azul. Suas concorrentes mantêm as contas fechadas, mas gastaram milhões em contratações ou investiram em novas atrações. Demonstram plenas condições de corrigir os vencimentos de seus funcionários.

O fato é que, sob a pandemia, o próprio governo de Jair Bolsonaro, inimigo declarado da imprensa, classificou, legalmente, a atividade jornalística como “essencial”. Os primeiros a saber disso são os próprios jornalistas, conscientes da importância de sua atividade, que mantiveram sem interrupção. Nossa categoria esteve sempre exposta ao vírus, indo às redações, fazendo reportagens.

O mero reconhecimento da importância e do esforço de nossa categoria profissional já deveria ser suficiente para que, sem mais demora, nossos rendimentos fossem corrigidos. Mas tal qual obscuro ministro, as empresas querem aproveitar o momento para “passar a boiada”.

NOSSA CATEGORIA ESTÁ EXPOSTA AO VÍRUS, Indo ÀS REDAÇÕES, FAZENDO REPORTAGENS. O MERO RECONHECIMENTO DESSE ESFORÇO DEVERIA SER SUFICIENTE PARA QUE AS EMPRESAS CORRIGISSEM NOSSOS SALÁRIOS



Ameaça de redução salarial

Em meio a grave crise institucional, o governo federal conseguiu, no final de abril, aprovar no Congresso seu orçamento 2021 – não sem destinar quase R\$ 40 bilhões para emendas parlamentares. Com esse ponto resolvido, Bolsonaro parte para a edição da MP 1.045, entregando na mão das empresas a possibilidade de rebaixar salários.

A medida provisória retoma a MP 936, de 2020, e significa um ataque brutal aos sindicatos, pois atropela a Constituição ao estabelecer a possibilidade de redução de salário por “acordo individual” – aquele no qual o funcionário recebe um documento impresso e o patrão apenas “solicita” sua assinatura. É preciso entender esse ponto: a base da existência de sindicatos é a negociação coletiva, feita a partir do interesse comum de toda a categoria. Erodí-la, como fez também a reforma trabalhista de 2017, é minar a própria essência da representação sindical.

A MP 1.045 entrega às empresas a possibilidade de reduzir seus gastos com folha cortando salários e podendo ter parte deles pagos por recursos públicos. Para ajudar as empresas, o ministro Paulo Guedes, sempre tão cioso em cortar gastos sociais, destinou R\$ 10 bilhões.

O presente é tão explícito que as empresas sequer precisam justificar a necessidade de lançar mão dele. Basta querer! Pois em meio à pandemia e ao esforço heroico de jornalistas, emissoras de rádio e TV, editoras e jornais usam esse armamento do arsenal bolsonarista para atingir os jornalistas. O Sindicato se dirige novamente à categoria para organizar a resistência coletiva.

Alma sindical

Sabemos todos que o jornalismo é uma atividade que exige recursos materiais importantes para ser feito com profundidade e relevância. Mas o jornalismo é, sobretudo, o ser humano que o faz.

Quem efetivamente defende o jornalismo são os próprios jornalistas, organizados em suas entidades representativas. Em primeiro lugar, por meio da luta por melhores condições de vida e trabalho para os jornalistas, por bons salários, respeito à jornada e aos direitos trabalhistas. São as condições básicas para o bom exercício profissional.

Lutamos por uma cláusula de consciência nas convenções, que garanta aos jornalistas a autonomia necessária ao exercício

profissional. Enfrentamos as empresas na defesa da liberdade de expressão de cada um e cada uma fora do horário de trabalho.

A defesa do jornalismo se expressa ainda na luta pelo respeito ao sigilo de fonte, inscrito na Constituição e atropelado pelo Judiciário e pela polícia em incursões autoritárias; e também na ação política das representações sindicais quando denunciam de forma permanente o governo Bolsonaro, que agride verbalmente jornalistas a toda hora, e, coerentemente, ajuda as empresas a reduzirem os seus salários.

As entidades sindicais são as casas de promoção da ética jornalística, base da identidade profissional. E se batem, dia e noite, pela ampla difusão de tudo o que diz respeito ao interesse público, contra a censura e os limites à liberdade de expressão.

Nesta pandemia devastadora, somos testemunhas e vítimas. O Brasil é o país do mundo com maior número de jornalistas mortos por covid-19, tema de nossa matéria de capa. As entidades sindicais, Fenaj e sindicatos, batem-se desde o início disso tudo por medidas de proteção à categoria, e, assim, lutam pelo prosseguimento da atividade jornalística, essencial aos brasileiros.

Diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo



UNIDADE

ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

EXPEDIENTE

Diretora responsável Priscilla Chandretti
Jornalista Adriana Franco **Edição de arte** Fábio Bosquê **Capa** Mads Nissen (foto)
Revisão Cláudio Soares

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Mello, Cinthia Gomes, Decio Trujillo, Fábio Bosquê, Laerte Coutinho, José Hamilton Ribeiro, Juca Kfoury, Larissa Gould, Laurindo Lalo Leal Filho, Márcia Regina Quintanilha, Maria Inês Nassif, Mônica Zarattini, Pedro Zavitoski Malavolta e Rodrigo Vianna.

Artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal ou do SJSP.

Rua Rego Freitas, 530 – Sobreloja. CEP 01220-010. São Paulo – SP Tel: (11) 3217-6299

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente Paulo Zocchi **Secretária-geral** Cândida Vieira **Secretário de Finanças** Cláudio Soares **Secretário do Interior** José Eduardo de Souza **Secretária de Comunicação e Cultura** Priscilla Chandretti **Secretário de Relações Sindicais e Sociais** André Freire **Secretária de Sindicalização** Lilian Parise **Secretária Jurídica e de Assistência** Evany Sessa **Secretária de Formação Sindical e Profissional** Érica Aragão

DIRETORES DE AÇÃO SINDICAL

Alan Rodrigues, Ana Flávia Marx, Ana Mina-deo, Cláudia Tavares, Clélia Cardim, José Augusto Camargo, Marlene Bergamo, Michele Barros, Raphael Salomão, Ricardo Vital, Sérgio Kalili, Solange Melendez e Thiago Tanji

COMISSÃO DE REGISTRO E FISCALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO (CORFEP)

Eduardo Viné, Flávio Carrança e Jorge Araújo

DIRETORES REGIONAIS

ABCD Cadu Bazilevski **Bauru** Sérgio Paes **Campinas** Marcos Rodrigues **Piracicaba** Patrícia Sant'Ana **Ribeirão Preto** Aurení Menezes **Vale do Paraíba, Litoral Norte e Mantiqueira** Fernanda Soares **Santos** Solange Santana **Sorocaba** Fabiana Caraméz

DIRETORES DE BASE DO INTERIOR

ABCD Jô Miyagui, Peter Suzano, Roberto Parizotti e Vilma Amaro **Bauru** Antônio Ramos, Ricardo Santana, Sérgio Borges e Tânia Brandão **Campinas** Leila de Oliveira e Ricardo Andrade **Piracicaba** Adriana Ferezim, Gustavo Franco Annunziato, Martin Vieira Ferreira e Paulo Roberto Botão **Ribeirão Preto** David Radesca, Nilton Pinati Júnior e Sérgio Sampaio **Santos** Carlos Alberto Ratton, Carlos Norberto Souza e Reynaldo Salgado **Sorocaba** Abner Laurindo e Pedro Jorge Courbassier **Vale do Paraíba, Litoral Norte e Mantiqueira** Edvaldo Antônio de Almeida, Rita de Cássia Dell Aquila e Victor Cruz

CONSELHO FISCAL

Amadeu Mémolo, João Marques, Luigi Bongiovanni e Norian Segatto

COMISSÃO DE ÉTICA

Fábio Venturini, Franklin Valverde, Joel Scala, Rodrigo Ratier e Rose Nogueira

sjsp.org.br
 unidade@sjsp.org.br
 /JornalistasSP
 /SindicatoJornalistasSP
 @JornalistasSP

DESTAQUE



MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL

ATAQUES À IMPRENSA

Jair Bolsonaro é réu em ação do Sindicato

Uma ação civil pública busca condenar o presidente por danos morais coletivos cometidos contra os jornalistas profissionais. Ele pode ser impedido de pronunciar novos ataques e ofensas e ter de pagar indenização. É mais uma arma na luta contra o governo

por Priscilla Chandretti

Como forma de defesa da categoria dos jornalistas profissionais e da liberdade de expressão e direito à informação contra quem, hoje, representa a maior ameaça no país – o presidente Jair Bolsonaro –, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSP) move uma ação por danos morais coletivos.

O processo foi ajuizado no dia 7 de abril e pedia, entre outras medidas, uma decisão liminar para que Bolsonaro se abstenha de realizar novas manifestações com “ofensa, deslegitimação ou desqualificação à profissão de jornalista ou à pessoa física dos profissionais de imprensa”.

A juíza Tamara Hochgreb Matos, da 24ª Vara Cível de São Paulo, reconheceu que “o direito à liberdade de expressão vem sendo utilizado de forma inadequada pelo réu, e até mesmo incompatível com a dignidade da função que ocupa”. Mas indeferiu o pedido de liminar, avaliando que seria censura.

Não é o que pensa o Ministério Público. Em manifestação favorável ao pleito, o 2º promotor de Justiça de Direitos Humanos da Capital, Eduardo Ferreira Valerio, escreve que “só haveria censura se a proibição fosse previamente dirigida a uma dada e específica manifestação, escrita ou oral. O que se pretende aqui é tão somente impedir a uma pessoa física, cujos pronunciamentos públicos – por postagens em redes sociais ou entrevistas – alcançam grande contingente de pessoas e cujos efeitos são altamente deletérios à ordem democrática, uma proibição destinada a impedir o prosseguimento dos ataques. A despeito da elevada função pública por ele exercida, apenas os comandos constitucional e legal não têm sido suficientes para inibi-lo”.

O promotor avalia ainda que “cada manifestação que se pretende inibir com esta medida cautelar é um passo que se evita na direção de um estado de exceção e, por-

As entrevistas coletivas no Palácio do Planalto são notórias pelos ataques aos jornalistas

tanto, um iminente – e talvez irreversível – dano cujo perigo de efetivação se perpetua numa pletora de ofensas vulgares perpetradas com habitualidade pelo réu”.

A ação segue em curso. O pedido é para que a Justiça determine que Bolsonaro se abstenha de realizar novos ataques (agora, sem o caráter liminar) e pague uma indenização de R\$ 100 mil por danos morais coletivos, em favor do Instituto Vladimir Herzog. Bolsonaro está chamado a apresentar sua defesa.

O que argumenta o Sindicato

Segundo o relatório *Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil*, elaborado anualmente pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), somente no ano de 2020, o presidente Jair Bolsonaro proferiu 175 ataques à imprensa, sendo 26 ocorrências de agressões diretas a jornalistas, 149 tentativas de desacreditização da imprensa e duas ocorrências direcionadas à própria Fenaj.

“A postura hostil e ofensiva do presidente Bolsonaro em relação aos profissionais da imprensa, além de notória, caracteriza-se numa prática de assédio moral sistemática”, avalia o coordenador jurídico do SJSP, o advogado Raphael Maia, responsável pela ação.

Entre os diversos exemplos, estão a ameaça explícita a um jornalista (“Minha vontade é encher tua boca com uma porrada, tá!”), uma agressão vil e homofóbica (“Vai pra puta que o pariu! Imprensa de merda essa daí. É pra enfiar no rabo de vocês da imprensa essa lata de leite condensado toda, aí”), e os casos de quatro jornalistas de São Paulo – Patrícia Campos Mello, Bianca Santana, Thaís Oyama e Vera Magalhães – que, além de tudo, ressaltam o caráter misógino e xenofobo presente nas ofensas.

Além disso, o clima de ódio criado por Bolsonaro incentiva ataques físicos por parte de apoiadores, como a agressão ocorrida contra Renato Peters, repórter da TV Globo, na qual uma mulher tomou o microfone da mão do jornalista e afirmou: “A Globo é um lixo, o Bolsonaro tem razão”.

O caso mais grave citado no processo é do atentado cometido contra José Antônio Arantes em Olímpia (veja no box ao lado). O próprio jornalista pergunta: “Uma cidade de 55 mil habitantes, uma rádio comunitária, um jornal semanal. Se não houvesse essa situação de intolerância que existe no país desde a eleição do Bolsonaro, teria acontecido tudo isso?”

Paulo Zocchi, presidente do SJSP, explica por que a entidade decidiu entrar com uma ação judicial. “É necessário dar um basta a esse governo e suas práticas, por todos os meios, com todas as armas que tivermos. Essa ação se soma ao combate nesse sentido, como por exemplo fez a Fenaj quando apresentou pedido de impeachment, parado numa gaveta na Câmara Federal, apesar de a gente ver todos os dias novos motivos que justificam a exigência de fora Bolsonaro.”

Entidades cobram apuração de atentado em Olímpia

Há semanas, o jornalista José Antônio Arantes, de Olímpia, dorme na sala de casa, de frente para a porta, com um extintor de incêndio ao lado. Sua família (mulher, filha e neta) enfrenta uma situação de insegurança desde que, na madrugada do dia 17 de março, acordou com o latido dos cachorros em meio à fumaça provocada por um incêndio ateado na entrada da sua residência, e que também atingiu a sede do jornal *Folha da Região*.

O responsável já foi identificado e confessou o crime. Ele aguarda o resultado do inquérito policial em liberdade, mas no fechamento desta edição, o Ministério Público pedia a proibição do investigado de se aproximar do jornalista e a obrigação de recolhimento noturno em sua residência. A suspeita de Arantes é que ele tenha agido sob a orientação de um mandante, em decorrência de suas publicações sobre a pandemia.

O Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSP), a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e as organizações Repórteres Sem Fronteiras (RSF), Artigo 19 e Comitê para Proteção dos Jornalistas (CPJ) estão acompanhando o caso de perto.

As entidades se reuniram com o procurador do MP local, e entraram em contato com o Procurador Geral de Justiça do estado, com a Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública do Conselho Nacional do MP e com o deputado estadual José Américo (PT), jornalista sindicalizado.

Enquanto isso, Arantes, com familiares, busca indícios, como filmagens de câmeras de segurança. Com apoio da RSF, montou um circuito de segurança na sua residência. E segue veiculando reportagens contra o negacionismo.

REPORTAGEM

AUSÊNCIAS INACEITÁVEIS

FOTOS: CRÉDITO PESSOAL



Adão Nereu



Alipio Freire



Ari Borges



Daniel Messeder

PESQUISA DA FENAJ MOSTRA QUE O BRASIL É RECORDISTA MUNDIAL NA LISTA DE JORNALISTAS MORTOS PELA COVID-19. SINDICATO PEDE AO ESTADO INCLUSÃO DA CATEGORIA ENTRE OS GRUPOS PRIORITÁRIOS PARA VACINAÇÃO; ATRIBUI A TRAGÉDIA HUMANITÁRIA AO (DES)GOVERNO FEDERAL E CLASSIFICA BOLSONARO COMO GENOCIDA

Por Alan Rodrigues

Lilo Clareto se foi. Alipio Freire também. Laerte ficou muito mal. Sobreviveu. Desde o ano passado, o Brasil vive a dolorosa faina de contabilizar milhares de vítimas da pandemia da covid-19. Entre os quase 15 milhões de contaminados no país, muitos ainda estão lutando contra o vírus, enquanto mais de 400 mil não resistiram. Nessa matemática funesta, dezenas de jornalistas se contaminaram e muitos sucumbiram à enfermidade, outros tantos escaparam da desgraça maior e ainda se recuperam.

O quadro sinistro descrito acima levou a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) a elaborar um relatório sobre essa tragédia humanitária, com ênfase em nossa categoria. O estudo *Jornalistas vitima-*

pode ser ainda pior. Estudos comprovam que o alerta da Federação dos Jornalistas tem sua razão de ser. É fato que existe um problema grave nas notificações dos casos e que a comunicação desconexa entre as causas das mortes e os registros médicos encaminhadas aos cartórios de registros de óbitos contaminam as estatísticas reais.

Números da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) de fevereiro deste ano (Boletim InfoGripe) mostram que do início da pandemia até 20 de fevereiro último houve um total de 189.748 mortos por síndrome respiratória aguda grave (SARS) no país e que em 70% desses casos a *causa mortis* foi descrita de forma errônea. Ao fim e ao cabo, essas vítimas morreram mesmo por complicações da covid-19. “Os números são alarmantes, mas vamos continuar cumprindo nosso papel, porque informação verdadeira também ajuda a salvar vidas”, afirma a presidenta da Fenaj, Maria José Braga.

A verdade completa que está por trás das vidas ceifadas, dos enfermos e do sofrimento de milhares de famílias é que a política genocida deste (des)governo liderado pelo presidente Jair Bolsonaro é responsável por essa tragédia humanitária. A mortandade poderia, sim, ter sido menor, não fossem a superlotação das UTIs, a falta de oxigênio, insumos, vacinas e de apoio ao distanciamento social e ao uso de máscaras. Só não faltaram as políticas equivocadas de Bolsonaro, como o incentivo à aglomeração, ao uso de medicamentos ineficazes e o boicote à vacina, além do seu escárnio diante da tragédia. Por isso, não erra quem afirma que Bolsonaro é um genocida. “Os 169 casos apurados até agora são resultado da necropolítica do governo federal”, afirma Norian Segatto, diretor do Departamento de Saúde da Fenaj e responsável pela sistematização do dossiê.

Com efeito, os jornalistas mortos foram

junto aos órgãos fiscalizadores, quando as medidas sanitárias são desrespeitadas. O SJSP enviou às empresas um ofício, em 16 de março de 2020, apresentando um rol de medidas para proteger a categoria da contaminação. Desde então, o Sindicato vem levando uma luta incansável para exigir home office ao maior número possível de profissionais, bem como condições seguras de trabalho presencial e de saídas para reportagem, testagem regular e em massa e afastamento imediato em caso de suspeita de contaminação.

Na luta pela saúde e vida dos jornalistas, o Sindicato, assim como a Fenaj, está atuando em diversas frentes para proteger o exercício do jornalismo durante a pandemia, por meio da defesa do emprego, das condições de trabalho e da saúde dos trabalhadores da informação. Entre as ações, pressão sobre o Ministério da Saúde e governos estaduais e municipais



Fernando Sandoval



Gloriete Treviso



Joaquim Júnior



José Paulo Andrade



Letícia Fava



Lilo Clareto



Marcello Bittencourt



Marcio Tadeu

dos por Covid-19 apurou que, de março de 2020 até o último 6 de abril, 169 jornalistas morreram vítimas do novo coronavírus. O número coloca o Brasil na liderança do triste e lastimável *ranking* dos países em que mais morreram jornalistas em razão da pandemia no mundo. E no relatório da entidade não estão computadas as mortes de Lilo e de Alipio Freire, ambas ocorridas no final de abril.

O documento da Fenaj mostra que, somente no primeiro trimestre deste ano, o número de jornalistas mortos por complicações advindas da infecção supera o de profissionais falecidos no ano passado. Em 2021, até o fechamento desta edição, 86 jornalistas morreram em razão da covid-19, ante 78 mortes entre abril e dezembro do ano passado. Entre os profissionais de imprensa que estavam em atividade e faleceram, metade trabalhava em rádios e TVs e quase 1/3 eram repórteres de imagem, como Maurilo Clareto, o Lilo. O número dos mortos é nacional, mas um recorte da pesquisa aponta para a realidade paulista – 22 jornalistas infectados pela covid-19 morreram no estado de São Paulo (*veja gráficos na pág. 6*).

Não há um número preciso de jornalistas infectados no país, mas sabe-se que está na casa das centenas. A Fenaj alerta que dados como o índice de mortes ou outras referências podem estar subnotificados. Ou seja, a situação, que já é aterrorizante,

48%

DAS MORTES EM SP OCORRERAM DE JANEIRO A ABRIL DE 2021, EM MENOS DE 1/3 DO PERÍODO EM QUE ESTAMOS EM PANDEMIA



vítimas de um governo facínora e incompetente, que assumiu ser amigo do vírus em vez de combatê-lo. “Com Bolsonaro, temos um criminoso na Presidência. Desde a posse, ele cometeu um sem-número de crimes de responsabilidade, que acarretaram a atual catástrofe nacional, as mais de 400 mil mortes”, afirma Paulo Zocchi, presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSP). “Os números mostram a urgência de a sociedade se posicionar contra o governo genocida de Jair Bolsonaro”, completa Segatto, que integra o Conselho Fiscal do SJSP.

“Lilo não morreu por covid-19. Ele, como dezenas de milhares de brasileiros, morreu porque o governo Bolsonaro trabalhou para disseminar o vírus, como já está provado, e combateu todas as formas de combate e prevenção à covid-19, chegando ao limite de recusar a oferta de vacinas no ano passado. A luta pela vida do Lilo acabou. Mas a luta pela vida de todas as brasileiras e todos os brasileiros que ainda correm o risco de morrer segue e precisa ficar ainda mais forte”, afirma a jornalista Eliane Brum.

Desde o início da pandemia, a Fenaj e o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo atuam em diversas frentes para orientar e organizar a forma de garantir condições adequadas de trabalho diante da crise sanitária do novo coronavírus. Em último caso, denunciando as empresas,

para a inserção de profissionais jornalistas nos grupos prioritários de vacinação. “A questão é que as medidas têm custo e as empresas, muitas vezes, resistem. Temos exigido do poder público o reconhecimento de que, como categoria essencial no combate à pandemia, os jornalistas que estão em trabalho presencial ou fazendo reportagem têm de ser considerados do grupo prioritário para vacinação, pois estão expostos cotidianamente ao risco do vírus”, afirma Paulo Zocchi.

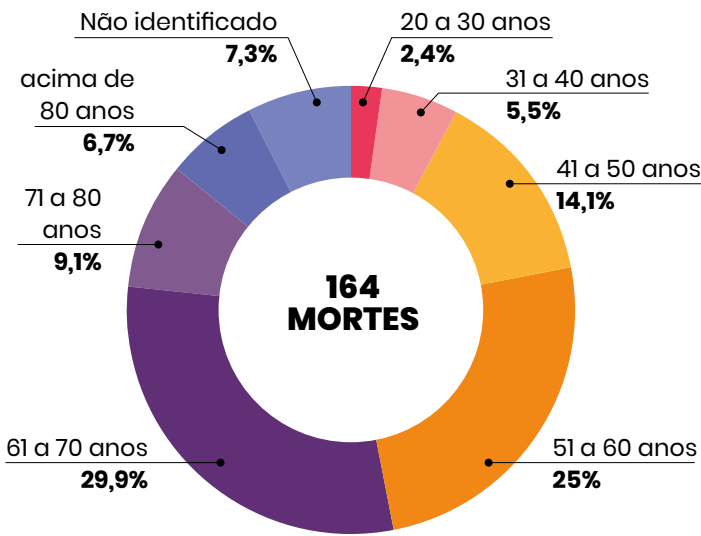
Luta e solidariedade são as palavras de ordem

Em meio à pandemia do novo coronavírus, surgiram diversas ações de solidariedade, organizadas por amigos e parentes das vítimas ou por entidades da sociedade civil. Um dos atos que mobilizou os jornalistas de todos os cantos do país foi a *Rede de Amigos do Lilo*, uma frente de apoio de pessoas que se reuniram virtualmente para tentar salvar a vida – com ajuda financeira – do repórter fotográfico Maurilo Clareto, ex-*Estadão* e revista *Época*. Lilo, como era carinhosamente chamado, morava nos últimos três anos em Altamira, no Estado do Pará, onde desembarcou ao lado da repórter Eliane Brum para, como diz ela, “contar a Amazônia por dentro”.

Lilo lutou muito pela vida. Antes de virar número nas estatísticas da covid, o fot-jornalista fazia parte de outra lastimável

REPORTAGEM

NOSSAS PERDAS
de abril/20 a março/21

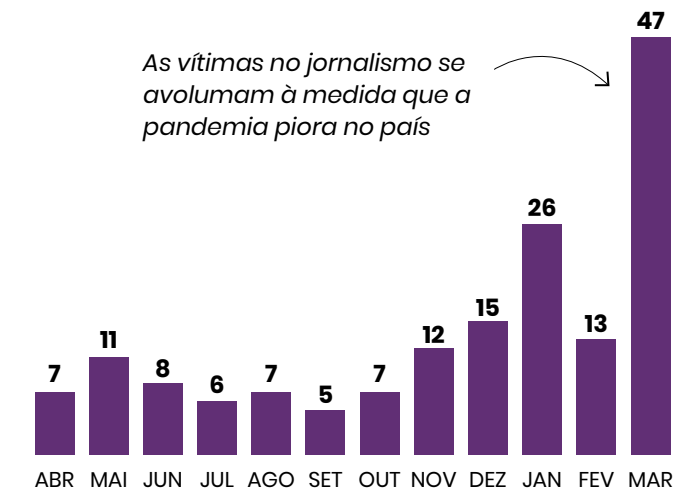


Fonte: Fenaj/Departamento de Saúde, Previdência e Segurança

22 VÍTIMAS EM SÃO PAULO
trabalhadores em atividade



FORA DE CONTROLE
de abril/20 a março/21



As vítimas no jornalismo se avolumam à medida que a pandemia piora no país



Marcio Nogueira



Orlando Duarte



Reinaldo Vaz



Sérgio Jorge



Sérgio Takamure



Wilson de Souza



Wilson Silveira



Zildette Montiel

estimativa: a dos desempregados que trabalham por conta própria. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sete em cada dez desempregados da última década trabalham informalmente. Sem salário fixo, sem poupança, Lilo viveu umas das faces mais difíceis de um profissional *freelancer*, que é o de não ter condições financeiras para manter um plano de saúde. Com trabalhos aqui, outro acolá, Maurilo Clareto, assim como 71,5% dos brasileiros, ou seja, mais de 150 milhões de pessoas, dependia do Sistema Único de Saúde (SUS). Mais trágico: ele morreu na fila para uma vaga numa UTI pública em São Paulo. “Não conseguimos salvar a vida do Lilo, mas saber que fizemos tudo o que era possível para tentar salvá-lo nos ajuda a viver o luto”, escreve Brum.

O jornalista Alipio Freire, editor da *Revista Sem Terra*, do MST, aos 75 anos, resistiu às torturas da ditadura militar e aos cinco anos em que ficou preso por se opor ao regime, mas não conseguiu resistir à doença. Autor de várias obras literárias, entre as quais *Tiradentes, um presídio da ditadura: memórias de presos políticos* (1997), e do documentário *1964 – Um golpe contra o Brasil*, ele ficou um mês hospitalizado por causa da infecção da covid-19 e tombou. “Alipio travou sua última batalha com a coragem dos bravos, como o fez durante toda a vida”, afirmou o jornalista Breno Altman.

Em meio às nossas perdas, todas verdadeiras tragédias, temos também histórias de sobreviventes, como a de dois membros do Conselho Editorial do *Unidade*, o jornalista Decio Trujillo (veja *depoimento na pág. 7*) e a cartunista Laerte. Como ela mesma disse no início de sua recuperação, não são histórias contadas em primeira pessoa. “Contei com gente querida e apoio firme desde o começo – sem isso não estaria de volta aqui. Gente que batalhou por um sistema de saúde eficiente, gente que povoa e dá movimento a esse sistema, gente que lembrou de mim, se preocupou, rezou, fez desenhos, emanou vibrações e comemorou as melhoras. Fico muito, muito grata e comprometida com essa força toda.” Ela chegou a ficar internada por dez dias, de 21 a 31 de janeiro, no Instituto do Coração do Hospital das Clínicas, o InCor, da USP, tendo passado alguns dias na UTI. Felizmente, se recupera e continua com a gente.

Em memória dos companheiros vitimados pela pandemia e pelos que sobreviveram, nós devemos nos engajar cada vez mais na denúncia do governo genocida, exigindo medidas eficazes contra a disseminação da covid-19, como vacinação e testagem em massa, respeito aos protocolos estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e investigação e punição dos responsáveis por essa tragédia. Nosso luto tem que se transformar em luta! ■

“LILLO CLARETO MANDOU DIZER QUE RESPIRA!”

O Movimento *#respiralilo* escreve: “Lilo Clareto mandou dizer que respira. Mas não precisa mais de ar. Saiu da UTI para habitar um lugar ao qual não temos acesso. Lilo se foi... Nós, amigos, familiares e, porque não dizer, fãs... Ainda estamos processando essa nova realidade. Não é o fim. É uma pausa. A obra de Lilo continuará viva pra sempre! E que privilégio poder passar pela vida e de fato deixar um legado. A internação e luta do Lilo reuniram muita gente, geraram repercussão, arrecadaram recursos, incendiaram ideias... Lilo virou substantivo, verbo, adjetivo. Isso tudo irá continuar.

Quem nos acompanha sabe da importância do olhar de Lilo em busca de uma sociedade mais justa. E esperamos continuar esse legado em um futuro próximo, com o *#inspiralilo*. Mas antes temos uma conta a pagar.

O movimento *#respiralilo* foi um conjunto de iniciativas realizadas por uma rede de amigas, amigos e familiares, organizados com o intuito de angariar fundos para custear o tratamento do fotógrafo. Infelizmente, em 21 de abril, após lutar contra a doença, Lilo foi mais uma vítima de um país mergulhado em uma das maiores crises sanitárias de sua história.

Mas as despesas médicas e um auxílio para subsistência imediata de esposa e filha precisam continuar.

Esperamos poder seguir com o apoio dessa tão linda rede solidária já formada. As possibilidades de contribuição vão desde a doação de qualquer quantia em dinheiro até a aquisição de produtos, cujos lucros serão revertidos em prol dessa causa.”

📍 <https://liloclareto.myshopify.com/>



Em assembleia no Sindicato em 2019, Decio foi eleito para nosso Conselho Editorial

DEPOIMENTO

“Sou um sobrevivente do coronavírus”

Com o caso subestimado pelo Einstein, jornalista foi salvo pelo SUS de Barueri

Por Decio Trujillo*

Sou um sobrevivente do ataque do coronavírus. Por causa do bichinho, entre setembro e novembro de 2020, passei 62 dias internado. Fiquei mais de 50 dias sedado, dos quais 28, intubado. À covid, seguiu-se uma infecção hospitalar que exigiu sessões de hemodiálise e transfusão de sangue. No momento mais grave, fui “desenganado” pelos médicos. Hoje, mais de cinco meses depois da alta, ainda me recupero dos danos musculares que sofri.

Fui pego num momento de descuido. Por seis meses, eu, que moro só, segui os protocolos. Fiquei trancado, saía apenas para o estritamente necessário, sempre de máscara, tirava a roupa e os sapatos ao chegar em casa, me besuntava de álcool em gel, inclusive a barba, e praticava a agradável tarefa de lavar as compras em sabão... garrafas de refrigerante, latas de cerveja, embalagens de leite, sacos de arroz, latas de sardinha, enfim, era o ermitão padrão.

Até que veio o tal descuido, quando começamos a fazer entrevistas em estúdio para o portal do qual eu era editor, o *Barueri na Rede*. Apesar de todos os cuidados, como uso de máscara, distanciamento e álcool em gel, eu e mais quatro colegas nos contaminamos. Sabemos que a atividade de jornalista muitas vezes nos empurra para o risco. Um grupo trancado durante horas num mesmo ambiente vai ter que

comer em algum momento, tomar café. Além disso, fazíamos as entrevistas sem máscaras.

Comecei a ter sintomas leves na primeira semana de setembro. A princípio, parecia uma gripezinha. No domingo, fui ao pronto-socorro da cidade. O médico disse que tudo indicava que eu tinha covid. Receitou-me um coquetel dos medicamentos usuais e mandou coletar material para exame. O resultado sairia em 12 dias.

Mas comecei a piorar. Um teste rápido deu negativo. Na sexta-feira, fui à unidade do Hospital Albert Einstein de Alphaville. Fiz todos os exames, passei por um médico, que levou meu caso a uma equipe. Concluíram que meu quadro era estável e leve. Fui mandado para casa com a orientação de aguardar dois dias. Se não melhorasse ou piorasse antes disso, que voltasse ao hospital. Mas me tranquilizaram.

No entanto, no sábado de manhã, uma amiga me colocou em contato com a médica da família Clarissa Willets. Ela me pediu os exames do Einstein e, ao vê-los, disse que eu tinha que ser internado imediatamente. A doutora Clarissa, médica do serviço público, que me atendeu por telefone num fim de semana sem nem me conhecer, teve papel fundamental na minha história. Já o Einstein...

Fui atendido no sistema de saúde de Barueri naquele dia e internado à noite.

Minha capacidade pulmonar estava comprometida em pouco mais de 50%. A primeira conclusão foi de que meu caso era relativamente tranquilo, mas no terceiro dia de internação precisei ser intubado. Não adiantou meu histórico de atleta, de quem corria alguns quilômetros três vezes por semana e nunca fumou, que tinha coração e pulmões exemplares.

Sobre os 50 dias seguintes, eu soube pelo que me contaram. Após 11 dias, quando o quadro da covid estava resolvido e iam me tirar a sedação, fui acometido por uma infecção hospitalar que resultou em mais 17 dias no tubo. Neste período, meu estado de saúde alternou períodos de melhora e piora, e meus filhos foram, em certo momento, orientados a pensar no meu conforto. No caso, conforto eterno. Sim, afinal, todos nós vamos morrer, não é?

Um dos dramas da covid é a falta de contato do momento da internação até

a alta, ou a morte. Enquanto eu dormia, do lado de fora a família se desesperava. Cada boletim diário era um golpe. Houve um dia em que meu irmão, um sobrinho e meu filho mais velho se reuniram e “me beberam”, como hoje contam bem-humorados. Na ocasião, foi meio que uma despedida.

Mas a equipe médica não desistiu de mim e conseguiu reverter o quadro. Após várias tentativas, fui extubado e iniciaram o lento processo de me trazer de volta à lucidez. Depois disso, ainda seriam necessários mais dez dias até que eu pudesse ter alta.

Depois de dois meses, estava de volta para casa. Seria necessário um longo trabalho de recuperação: musculatura toda atrofiada, uma escara nas costas do tamanho e profundidade de um pêssego cortado ao meio, nenhum senso de equilíbrio, tontura a qualquer movimento, dificuldade para mastigar e engolir, respiração precária e dependência total.

Durante semanas, meus três filhos se revezaram para me acompanhar as 24 horas do dia. Eu tinha que ser carregado da cama para o sofá. A comida era dada na boca. Eles faziam vigília durante as madrugadas, me davam banho e administravam as questões escatológicas. Por sorte, não cheguei a usar fralda. Fui assistido em casa por uma equipe do sistema público municipal, com médica, fisioterapeuta, nutricionista e enfermeiras. Elas orientaram durante as primeiras semanas sobre cuidados com alimentação, o processo de recuperação física e os curativos da ferida, que meus filhos passaram a trocar duas vezes ao dia.

A recuperação tem sido lenta. Em 12 de abril, ao completar cinco meses de alta, já andava sem apoio dentro de casa e, fora, com o auxílio de uma bengala em pequenos trajetos. Continuo na fisioterapia para eliminar sequelas físicas que persistem. Qualquer esforço provoca cansaço e dores musculares. A escara, que me impedia de sentar e de fazer vários dos exercícios físicos, está quase cicatrizada, depois de mais de 200 trocas de curativos.

Um dito popular diz, quando enfrentamos um período de dificuldades, que um dia vamos rir disso tudo. Meu dia de rir ainda não chegou. ■

*Jornalista e membro do Conselho Editorial do Unidade

UM DOS DRAMAS DA COVID É A FALTA DE CONTATO DO MOMENTO DA INTERNAÇÃO ATÉ A ALTA, OU A MORTE. ENQUANTO EU DORMIA, DO LADO DE FORA A FAMÍLIA SE DESESPERA. CADA BOLETIM ERA UM GOLPE

ARTIGO



ROBERTO PARIZOTTI

Matérias não levam em conta que a necessidade de isolamento social se choca com as exigências de sobrevivência de trabalhadores precarizados

Cobertura midiática da pandemia: crítica e silenciamentos

por Dennis de Oliveira

A pandemia do coronavírus tem sido o assunto principal na cobertura dos principais veículos jornalísticos nos últimos 14 meses. Analisando-se as manchetes desses veículos, nota-se que o foco das coberturas é demonstrar o aumento do número de mortos – no dia 29 de abril, no meio da tarde, o portal UOL estampou com destaque a marca dos 400 mil mortos atingidas no Brasil (<https://bityli.com/2Rprz>), com uma reportagem cujo centro é a “despedida sem luto” (o fato de as pessoas mortas saírem direto do hospital para o enterro, sem velório e nenhum contato com os familiares nos dias de internação). Foram entrevistados familiares de sete vítimas

da covid-19 que renderam homenagens póstumas em áudios disponibilizados no portal. A angulação reforçou o tom dramático da pandemia.

Entretanto, observa-se uma lógica problemática na cobertura jornalística da mídia hegemônica: negando-se a fazer qualquer crítica ao projeto econômico neoliberal que está sendo implantado a ferro e fogo nos últimos anos, tende a responsabilizar os problemas da pandemia a figuras do governo Bolsonaro e a comportamentos inadequados da população (que é responsabilizada até mesmo pela alta do preço dos alimentos, ao ter aumentado o consumo com o recebimento do auxílio emergencial). Para isso, “especialistas” (cientistas, médicos, economistas) aparecem como os grandes “iluminadores” neste caos social, e os dramas impostos aos trabalhadores, em especial os moradores da periferia, são vistos apenas a partir destes prismas. O si-

lenciamento dessas vozes que quase nunca são fontes é a demonstração de um jornalismo da “cultura do silêncio”, conceito de Paulo Freire para designar uma relação de comunicados que, em última instância, é uma relação de opressão. Algo totalmente oposto ao que defendo na obra *Jornalismo e emancipação: uma prática baseada em Paulo Freire* (Editora Appris, 2017).

Contrapontos com o bolsonarismo

A cobertura da tragédia da pandemia tem se centrado em demonstrar o tamanho do problema com os números, o que significa um contraponto objetivo à narrativa governista, que desde o início da pandemia se esforça em reduzir a gravidade do problema. Para isto, os veículos *GI*, *O Globo*, *Extra*, *Estadão*, *Folha* e *UOL* firmaram um consórcio em junho de 2020 com o objetivo de fazer o cálculo do número de infectados e mortos por dia, com base nas informações prestadas pelas secretarias estaduais, diante das barreiras impostas pelo governo federal já naquele período à divulgação desses dados. Assim, sempre no final da noite, os meios jornalísticos atualizam os números da pandemia, independentemente dos dados fornecidos pelo governo federal.

É fato que essa postura dos meios jornalísticos foi um contraponto importante à narrativa negacionista do governo federal. Neste aspecto, o jornalismo brasileiro cumpre um papel importante e em boa

parte foi uma barreira contra a disseminação da narrativa negacionista do governo federal. O ódio do bolsonarismo ao jornalismo é explicável.

Assim, teoricamente, o fato de essa narrativa midiática ter impedido a plena disseminação do negacionismo seria suficiente para que a população aderisse às medidas preventivas e se mobilizasse fortemente contra o governo, que seria obrigado a recuar da sua posição. Porém, isto não só não acontece como ainda o governo conta com razoável apoio, suficiente para que o atual presidente sonhe com a reeleição, obtenha vitórias em algumas votações no Parlamento e seja ameaçado, em pesquisas de intenção de voto, apenas pela candidatura de Lula.

Apesar do contraponto midiático, Bolsonaro sobrevive

A estratégia de Bolsonaro é contrapor o “isolamento social” à “economia”. Em 2020, este discurso foi mais intenso: a economia se sobrepondo à preservação da vida. Em maio do ano passado, um grupo de empresários, em reunião com o ministro da Economia, Paulo Guedes, e o presidente Jair Bolsonaro, disse que deveria haver preocupação não só com a morte de pessoas, mas com a “morte de CNPJs” (<https://bityli.com/536zh>). Equiparam a manutenção das empresas com a vida das pessoas. A declaração gerou críticas de todos os lados e, diante do crescimen-

to da pandemia, a narrativa do governo se modula para que “economia e vidas são importantes”. O objetivo dessas posições é criticar o isolamento social, defender a volta plena ao trabalho, ainda que isto signifique aumentar ainda mais a contaminação.

Tal posição encontra eco em vários segmentos da população por uma razão muito simples: o aumento do desemprego e da precarização do trabalho, particularmente com a reforma trabalhista aprovada em 2017, ainda no governo Temer. Naquele momento, as taxas de desemprego estavam em torno de 11,5%, e a promessa era de que a reforma trabalhista iria gerar mais empregos (tese defendida pelo empresariado e largamente encampada pelos veículos jornalísticos hegemônicos), o que foi desmentido pelos números – as taxas de desemprego foram de 11,8% em 2019 e de 12% em 2020. No período da pandemia, estas taxas cresceram ainda mais, superando a marca de 14% ao final do primeiro trimestre deste ano.

Ao lado disto, o trabalho informal (aquele realizado sem qualquer registro em carteira, portanto sem nenhuma cobertura legal) já é realidade para mais de 41% dos ocupados. O que significa que a maioria da classe trabalhadora sobrevive com bicos, trabalhos informais, nos quais a regra é vincular diretamente a remuneração recebida com o trabalho realizado no dia. O grande exemplo desta relação de trabalho são os que trabalham como motoristas de aplicativos (Uber, iFood etc.) e as empregadas domésticas diaristas.

Nesta realidade, como defender o discurso de que “se deve ficar em casa” se isto significa simplesmente não ter dinheiro e morrer de fome? Justamente aí reside a base para a disseminação desta narrativa bolsonarista. E, nos últimos tempos, o governo tem insistido nesta tese: o aumento da miserabilidade ocorre por conta de *lockdowns*, isolamentos sociais etc.

População responsabilizada

No início da pandemia, a lógica da mídia hegemônica era criticar a não obediência ao isolamento social como um comportamento disfuncional da população. Por exemplo, na reportagem da revista *Veja* intitulada *Por que o Brasil se tornou o campeão mundial da desordem na quarentena* (<https://bityli.com/e6zAi>), de 25 de fevereiro de 2021, é feita a seguinte afirmação:

“A entrada do Brasil nessa situação intermediária em que todos perdem, e na rota do *lockdown*, foi pavimentada pelos embates entre um presidente que prega a volta à normalidade, uma maioria de governadores que decretam quarentenas e dezenas de prefeitos que pendem para o relaxamento das medidas. Além, é claro, da falta de educação e informação de brasileiros de todas as faixas de renda”.

Todas as fontes entrevistadas nesta reportagem são cientistas que fazem a defesa enfática da necessidade do isolamento social,

ex-ministros de Saúde que fazem críticas ao governo federal, dados sobre o desrespeito ao isolamento e aumento de casos.

Mesmo em matérias que trazem panoramas da epidemia nos bairros periféricos, este pensamento de responsabilizar unicamente os comportamentos disfuncionais prevalece. Na matéria *Morte por coronavírus na periferia de São Paulo acende alerta para quarentena em áreas mais pobres* (<https://bityli.com/3xnnU>), no portal *El País*, de 23 de março do ano passado, é dito que:

“A população do Campo Limpo ainda não está adotando as medidas necessárias para prevenir o contágio. Durante o final de semana, teve um pancadão no bairro e a rua estava cheia’, lamenta Douglas Cardoso, auxiliar de enfermagem que trabalha no Hospital do Campo Limpo”.

Mais adiante, afirma que “João Doria (PSDB), governador de São Paulo, anunciou que irá punir aqueles que descumprirem a determinação de suspender festas e bailes funk no Estado durante os próximos 15 dias”. O problema são as festas e os pancadões na periferia...

Já a matéria intitulada *Por que não obedecemos* (<https://bityli.com/piyrV>), na *IstoÉ* de 8 de maio de 2020, afirma que “em um País no qual os donos do poder burlam, em benefício próprio, o maior número de regras que conseguem, onde a impunidade rola solta e o exemplo que vem de cima é péssimo, por que o mais comum dos cidadãos vai se trancar?” E vai na lógica da “excitação do proibido”.

Esta lógica de argumentação da mídia hegemônica de que há a necessidade do isolamento social, o povo não obedece, e a desobediência se deve tanto à narrativa negacionista de Bolsonaro que repercute como também à “má educação”, “tendência a transgredir” do povo, um comportamento disfuncional que seria nato no brasileiro, foi a tônica das coberturas, enfocando principalmente os momentos de lazer (idas a praias, festas, “pancadões” etc.). Faltou um “pequeno detalhe”: os deslocamentos obrigatórios da população para trabalhar.

Tragédias e silenciamentos

As baixas taxas de isolamento não ocorrem somente em finais de semana ou feriados, mas nos dias úteis. Manhãs e tardes com pessoas se aglomerando no transporte coletivo, se deslocando da sua residência para o trabalho, andando nas ruas. Em boa parte isto ocorre porque as relações de trabalho foram intensamente precarizadas, produto das reformas neoliberais apoiadas quase unanimemente pela mídia hegemônica. Em outras palavras, a situação vivida no Brasil é produto justamente da política econômica imposta pelos governos Temer e Bolsonaro, com apoio de analistas econômicos, editoriais e articulistas da mídia hegemônica.

E há um aspecto importante nesta situação: os riscos atingem justamente determi-

SITUAÇÃO VIVIDA NO BRASIL É PRODUTO DA POLÍTICA ECONÔMICA IMPOSTA PELOS GOVERNOS TEMER E BOLSONARO, COM APOIO DE ANALISTAS ECONÔMICOS, EDITORIALISTAS E ARTICULISTAS DA MÍDIA



nados segmentos sociais: mulheres negras (esmagadora maioria das empregadas domésticas), homens negros (maioria entre motoboys, ciclobos, vendedores ambulantes) e trabalhadores em geral das periferias. Mesmo os “pancadões”, tão criticados pela mídia, é preciso enxergar em perspectiva: ocorrem porque pessoas que são obrigadas a não fazer o isolamento social para trabalhar não se sentem obrigadas a fazê-lo nos momentos de lazer, e também porque há um conjunto de pessoas que vivem destes eventos (como, por exemplo, moradores de bairros periféricos que sobrevivem vendendo bebidas).

Esta tragédia social estrutural e não conjuntural no Brasil é desconsiderada nestas matérias. No dia 27 de abril, dia da trabalhadora doméstica, o portal *UOL/Universia* entrevistou Luiza Batista (<https://bityli.com/cNQpc>), presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad). Luiza Batista falou que, nestes tempos de pandemia, há casos de domésticas que estão sendo obrigadas a ficar 24 horas à disposição na casa dos patrões para evitar o deslocamento das trabalhadoras. No dia 15 de abril, o mesmo portal *UOL/Universia* publicou uma matéria em que há a denúncia de trabalhadoras domésticas na Bahia nesta situação (<https://bityli.com/66hqz>). Uma situação que juridicamente se enquadra como “cárcere privado”, mas remonta a uma relação escravocrata.

Em fevereiro deste ano, motoboys fizeram manifestações em várias cidades do estado de São Paulo com reivindicações de melhoria de condições de trabalho para a categoria. Os atos em si foram cobertos pela mídia hegemônica, mas não os desdobramentos (se as reivindicações foram atendidas ou não, e o porquê, entre outros).

A responsabilização dos mais pobres vai além. Sobre os aumentos dos preços da cesta básica nos últimos meses, o portal *G1* da Globo afirmou em setembro de 2020 que, de acordo com economistas ouvidos pela reportagem (<https://bityli.com/uZ-9Bz>), dois fatores explicam a elevação: o dólar alto, que incentiva os produtores a exportarem ao invés de vender ao mercado interno, e o auxílio emergencial (!) que estimulou o aumento do consumo.

Diferentemente desta perspectiva, o jornal *Brasil de Fato* em matéria de 11 de setembro de 2020 (<https://bityli.com/4b9H8>) afirma que a alta dos preços é resultado de um conjunto de políticas do governo Bolsonaro: aumento de tributos de gêneros alimentícios, aumento da área plantada de produtos para o agronegócio exportador (como a soja) em detrimento do plantio de alimentos, fim do Consea e dos armazenamentos públicos de estoques de alimentos para controlar as variações de preço. E, ao contrário da matéria do portal *G1*, não se ouviram “economistas” mas a população que sofre com a alta dos alimentos e outras fontes que apresentam estas perspectivas.

No artigo *Paulo Freire e uma prática jornalística emancipatória* (<https://bityli.com/v8DI1>), defendo a ideia de que existe uma “cultura do silêncio” no jornalismo hegemônico brasileiro. Os cidadãos da periferia são ignorados nos seus dramas, quando muito aparecem ou em situações típicas (como o dia das domésticas), em manifestações pontuais (como os atos dos motoboys), mas tendencialmente são responsabilizados pelos seus próprios dramas em função de “não compreenderem”, “terem comportamentos disfuncionais”, “terem paixão pelo proibido” ou ainda “reproduzirem o discurso negacionista de Bolsonaro”. Em boa parte isto ocorre porque a mídia hegemônica, ainda que critique o governo e se coloque em oposição a sua narrativa, avalizou as mudanças estruturais nas relações de trabalho que levaram a uma situação em que o povo da periferia tem que escolher entre morrer de coronavírus ou morrer de fome. Esta macabra opção que restou aos mais pobres, a negras e negros, aos cidadãos da periferia é o resultado daquilo que analistas da mídia chamaram de “modernização”. ■

Dennis de Oliveira é jornalista, professor de jornalismo da ECA/USP, autor dos livros *Jornalismo e Emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire* e *Iniciação aos estudos de jornalismo. Membro da Cojira-SP e militante da Rede Antirracista Quilombação*.

COJIRA



Sua mais recente produção ficcional é a novela **Negro disfarce**, publicada pela Ciclo Contínuo Editorial, que lançará edição fac-similar da revista **Niger**

Oswaldo de Camargo, uma vida entre o jornalismo e a literatura

Aos 85 anos de idade, continua lúcido e ativo, administrando a republicação de sua obra

Por Flávio Carranção

A singular trajetória do jornalista e escritor Oswaldo de Camargo teve um desenvolvimento muito influenciado por sua longa permanência – 37 anos – no grupo Estado, em grande parte no extinto *Jornal da Tarde*. O vínculo com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) também vem de longe. Sua ficha de cadastro na entidade revela um relacionamento iniciado em 1972, que se estende até o início da década de 1990. Por causa da proximidade entre a Rua Major Quedinho, onde ficava o *Estadão*, e a sede do sindicato, na Rua Rego Freitas, estava frequentemente por lá. “Memorável para mim – conta – foi a eleição do Audálio Dantas como presidente, festejada com um churrasco para muita gente em um sítio ali na região de Itu, se não me falha a memória. Estive lá com alguns de meus filhos pequenos. Um dos bons momentos em minha vida.”

No início do novo milênio, época em que trabalhava na Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp), participou da criação da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira-SP), organismo destinado a dotar nosso Sindicato de uma política de combate ao racismo, de cujo manifesto é um dos signatários. Participou ativamente, nesse período, da reedição da coletânea de fac-símiles *Imprensa negra*, organizada por Clóvis Moura e Miriam

Nicolau Ferrara, publicada pela Imesp em parceria com o Sindicato.

Nascido em 1936, na cidade de Bragança Paulista, em família de pobres lavradores, Oswaldo de Camargo ficou órfão ainda criança e foi criado em instituições católicas para menores, onde desenvolveu o gosto pela leitura, a escrita e o fervor religioso, que resultou no desejo de se tornar padre. Frustrada esta aspiração pela barreira do racismo existente nos seminários, abriu-se o caminho para o surgimento do jornalista e escritor de reconhecido talento.

Em 1954, aos 18 anos, foi de São José do Rio Preto para a capital do Estado procurar trabalho. Depois de várias andanças, conseguiu contato com diretores de *O Estado de S. Paulo*, à época o principal jornal do país, onde começou a trabalhar como revisor em 1955. Reconhece que a prática e a vivência do jornalismo moldaram em grande parte o homem que se tornou, acrescentando que muito do que leu e muitos livros que comprou deve ao fato de ter sido revisor.

Menciona o *Suplemento Literário* do *Estadão* que, nos últimos anos da década de 1950 e primeiros dos anos 1960, era dirigido por Décio de Almeida Prado, e cujo conteúdo afirma tê-lo alimentado literariamente. Aos 23 anos, em 1959, publicou seu primeiro livro de poemas, intitulado *Um homem tenta ser anjo*, bem

acolhido pela crítica. Em 1961, lança *15 poemas negros*, com prefácio de Florestan Fernandes. É nessa época que tem seu primeiro contato com uma entidade negra em São Paulo, quando se torna organista da Igreja do Rosário dos Homens Pretos, passando a seguir a frequentar a Associação Cultural do Negro (ACN), entidade então sediada no edifício Martinelli, próximo ao Viaduto do Chá, onde conhece militantes negros como o poeta Solano Trindade e o jornalista José Correia Leite, figura central na história da imprensa negra paulista.

Inicia, também, sua colaboração com a imprensa negra, participando de um dos jornais que assinalam o ressurgimento desses veículos após a redemocratização de 1945, *O Novo Horizonte* (1954-1961), do qual se torna redator-chefe. Colabora também com *O Mutirão*, fundado em 1959; com *Niger*, revista que surge entre 1959 e 1960; e com *Ébano*, de 1961.

Ainda com 23 anos, torna-se diretor de cultura da ACN, organizando saraus literários, criando um coral que se apresentava também em cidades do interior paulista. Vale lembrar que sua formação como organista aconteceu durante a adolescência, tendo acompanhado missas na catedral de São José do Rio Preto, onde morava, atividade que pratica até hoje na igreja de seu bairro.

A partir de 1975, Oswaldo sai da revisão

e passa a editar a seção São Paulo Pergunta, do *Jornal da Tarde* (JT). Ao mesmo tempo, tem ainda como encargo fazer a revisão e preparação dos textos dos jornalistas e escritores que publicavam na página 4, o espaço do patrão, Ruy Mesquita, dentro do jornal: “Isso me pôs em um corpo a corpo maior com o texto. Podia conversar com os autores, colocando os problemas que detectava”.

Começa, nesse período, a escrever resenhas para o JT, nas quais sua face de ensaísta se mostra mais nitidamente. Privilegia a presença negra no jornal conservador ao falar de personagens como Dom Silvério Gomes Pimenta, primeiro bispo de Mariana, Cruz e Sousa, Lino Guedes, José Correia Leite, tratando de eventos que envolvessem o negro com a literatura.

Ainda na década de 1970, desenvolve grande atividade literária e jornalística. Além das resenhas e artigos de crítica literária que escreve para o JT, colabora com o jornal da imprensa negra *O quadro*, fundado em 1974, e participa da *Antologia dos poetas da cacimba* (1976) e da primeira edição dos *Cadernos Negros* (1978). Em 1979, lança a novela *A descoberta do frio*, reeditada em 2011 pela Ateliê Editorial. Mais tarde, em 1985, antes de se aposentar do *Jornal da Tarde*, viveu a experiência do jornal *Abertura*, frustrada tentativa de um jornal negro de vanguarda.

Aos 85 anos de idade, Oswaldo de Camargo permanece lúcido e ativo, administrando a republicação de sua obra, bastante revalorizada nesta época em que a literatura negra abandona a posição marginal a que se viu relegada durante muitos anos. “Boa notícia agora – anuncia – é o lançamento, previsto para outubro, de uma edição fac-similar da revista *Niger*, pela Ciclo Contínuo Editorial, mesma editora de meu último livro, a novela *Negro disfarce*. Vale aguardar.” Oswaldo considera também importante conquista o fato de a editora Companhia das Letras, como muitas outras, ter passado a manifestar interesse pela literatura escrita por negros, o que vai possibilitar a republicação de alguns de seus mais importantes títulos. “A Companhia programou editar os contos de *O carro do êxito*, em agosto deste ano; *A descoberta do frio*, previsto para sair no segundo semestre de 2021; e *15 poemas negros*, programado para o mês de fevereiro de 2022.”

ENTREVISTA

Mauro Cezar Pereira

Sou
apaixonado
pela minha
profissão

por **Adriana Franco,**
Decio Trujilo,
Paulo Zocchi,
Priscilla Chandretti e
Thiago Tanji



“Eu queria ser jornalista com nove anos de idade, eu narrava meus jogos de botão”, conta Mauro Cezar Pereira ao *Unidade*. “Quando entrei na profissão, descobri que não gostava do jornalismo esportivo, mas do jornalismo. E que nasci para ser jornalista.”

Hoje, ele se dedica a um canal no YouTube com mais de meio milhão de inscritos, mas começou na profissão na época da máquina de escrever. Desde 1983, trabalhou, no Rio, nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal dos Sports* e *O Dia*, e nas rádios Globo, Tupi, Manchete. Em 1993, veio para São Paulo, para a revista *Placar*. Passou por revistas de automóveis, pelo *Valor Econômico*, pela revista *Forbes*, pelos portais *Terra* e *Ajato*. Também já foi professor, nas faculdades Unisa, C-Inter e FMU.

Na ESPN, ficou por 16 anos, até o ano passado. Hoje, além do seu canal na internet, escreve no *UOL*, *Estadão*, *Gazeta do Povo*, comenta no aplicativo *OneFootball* e na transmissão de jogos no SBT.

Nesta entrevista, Mauro falou, como não podia deixar de ser, da paixão pelo futebol e de jornalismo esportivo. Disse ter visto, por um tempo, preconceito grande dentro da profissão em relação a jornalistas que trabalham com esporte, mas que isso diminuiu.

Também falou sobre o ódio nas redes sociais, as mudanças na profissão e deu particular destaque à necessidade de os jovens jornalistas esportivos se dedicarem à reportagem. E não podia ser diferente, pois afirma que está comentarista, mas vai morrer repórter.

ENTREVISTA

Todo jornalista esportivo tem paixão pelo futebol. Mas como é fazer o trabalho e separar a paixão da profissão?

Óbvio que todo jornalista torce para o seu time. Mas se vê que [o clube] está jogando mal, fala que jogou mal, critica. Como faz um crítico de cinema quando vai assistir a determinado filme de um diretor de que é fã incondicional, tem fotos e cartazes dele pela casa, mas acha o filme um lixo? Ele faz o quê? Vai dizer que o filme foi bom porque gosta desse cara? Não, escreve que foi uma decepção e esse filme é o pior que ele já fez.

Eu, por exemplo, sou “acusado” de proteger o meu time, que é o Flamengo. Sou um dos maiores críticos do Flamengo. Os últimos presidentes não falam comigo, o atual presidente não me dá entrevista. Se elogiasse e defendesse, ele falaria comigo sempre... Existe uma fantasia, como se fosse mais difícil lidar com futebol, mas acho que é como em qualquer outra área. Entendo que se eu escrevesse sobre política, posso ter a minha ideologia e acreditar em um determinado político, mas se esse cara for para o poder e fizer alguma coisa errada, tenho a obrigação de escrever que ele fez errado e tenho a obrigação de criticá-lo. Senão não estou sendo correto com a minha profissão e com as pessoas que acompanham o meu trabalho.

Pegando carona neste tema, o que você acha da tradição brasileira de que o jornalista esportivo não pode dizer para que time torce?

Acho que muitas vezes não fala o time para o qual torce por conta do ódio que impera por aí, especialmente se esse jornalista frequenta estádios. Eu não falava o time para que torço porque sempre achei isso irrelevante para quem acompanha o meu trabalho. Se o cara acha que meu trabalho é contaminado pelo meu time de preferência, de criança, não deveria me acompanhar. Mas quando as pessoas ficaram sabendo, falei que esse é meu time mesmo, pronto e acabou. Não gostou? Paciência. Como diria João Saldanha, ninguém é filho de chocadeira, e o cara não chega no futebol sem ter um time.

Agora, tem a questão da segurança ou da insegurança. Já fiz vários jogos em São Januário [estádio do Vasco da Gama], mas se fosse fazer um jogo hoje seria perigoso para mim e teria que ir com segurança porque as pessoas sabem que eu sou Flamengo. Uma vez, em São Januário, foi até engraçado, um garoto de 16, 17 anos com a camisa de torcida organizada apareceu na porta da cabine. Ele e mais um outro. E pensei: o que esse cara está fazendo aqui? O cara queria tirar uma foto comigo. Hoje, talvez ele fosse me xingar pelo simples fato de eu não ser torcedor do time dele. É um negócio insano.



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

“PUBLICARAM: ‘MAURO CEZAR FLAGRADO NO PACAEMBU’. COMO ASSIM, FLAGRADO? SERIA CURIOSO SE EU FOSSE VISTO EM UMA MOSTRA DE CINEMA CAMBOJANO

E há o aspecto de mercado que nos pressiona, porque as empresas de comunicação têm regras internas que tentam impedir o jornalista de se expressar publicamente. Como você lida com isso em relação ao empregador ou aos veículos de comunicação em que trabalhou?

Hoje, desfruto de uma posição e acho que consegui construir isso. Mas antes, nos lugares em que trabalhava, muitos jornalistas já revelavam seus times. O que aconteceu comigo foi que, em 2016, o Flamengo fez três jogos em São Paulo. Fui a esses jogos. Comprei ingresso e estava na arquibancada. Nem uso camisa do Flamengo publicamente porque tem muita gente que me segue e me acompanha e torce para outros times. Acho que não é legal ficar aparecendo com a camisa do Flamengo. Não faz sentido e acho que é uma agressão a essas pessoas. Uso muito camisa de futebol e estava com a camisa do Aston Villa [clube inglês] e com um casaco do Milan [equipe italiana] por cima porque estava frio naquela tarde. Estávamos eu, meu filho e alguns amigos que vieram do Rio para assistir ao jogo na arquibancada. Aí veio um sujeito e tirou uma foto. Ele fez uma selfie, mas estava na verdade fotografando a mim, eu percebi que desceu duas fileiras da arquibancada, me enquadrando e tirou a foto. Quando ele voltou para o lugar dele, eu falei: “Por que você não vem aqui e pede para tirar uma foto minha?” Ele ficou sem graça, os amigos começaram a rir, inclusive, dele. Eu falei: “Cara, estou de folga, em um domingo, com meus amigos e o meu filho, comprei meu ingresso e estou vendo um jogo”. E eu poderia nem ser rubro-negro porque não estava com a camisa do Flamengo. Mas concluíram ali que eu era Flamengo, a foto viralizou e no dia seguinte, no programa da noite [da ESPN] que era o *Linha de Passe*, falei:

querem saber o meu time? Meu time é o Flamengo, meu trabalho não vai mudar nada e quem estiver incomodado que se mude. Eu vou fazer o quê? Não tem muito o que discutir.

Mas achei mais impressionante o seguinte: algumas publicações e sites de algumas revistas, como da *Veja*, por exemplo, publicaram: “Mauro Cezar flagrado no Pacaembu”. Flagrado? Como assim, flagrado? Não estou fazendo nada de errado e nem estava com camisa de time. Seria curioso – e eu sempre uso esse exemplo – se eu fosse visto em uma mostra de cinema cambojano. “Pô, que legal, o cara cobre futebol e vai ver cinema cambojano, que louco isso. Você é cinéfilo, Mauro? E filme iraniano, o que você acha?” Não, estava em um jogo de futebol, gente. Eu escrevo sobre futebol, nada mais natural. Mas acho que tudo reflete essa sociedade doente que a gente está vivendo, e a rede social só retrata isso. Acho que a rede social não fabrica, só dá espaço para essas maluquices. A partir daí, o que acontece? Começa a desenvolver em alguns torcedores alguma bronca. Por exemplo, tem palmeirense que me detesta porque eu sou Flamengo, mas acham do cacete o Mauro Beting ser palmeirense. Temos até o mesmo nome e somos bons amigos. Quer dizer, o Mauro Beting é palmeirense, que legal. E ele se assume como torcedor, veste camisa e tudo, que é um direito dele, não tenho nada a ver com isso. O Juca é corintiano. Mas o cara fala: “Não gosto do Mauro, que ele é Flamengo. O Juca é Corinthians, aí é maneiro”. Qual o sentido disso?

O brasileiro sempre se considerou especialista em futebol. Com a rede social e a interação que ela provoca, como o ódio existente hoje te atinge? Como lidar com isso?

O Celso Unzelte [jornalista da ESPN e professor da Faculdade Cásper Líbero]

“Vários jornalistas que trabalham com esporte já mostraram que são capazes de falar sobre outros assuntos”

fala um negócio perfeito: o brasileiro não gosta de ler, mas gosta de escrever. Por exemplo, atualizei o meu blog no *UOL*, coloquei o título e o link. O cara vê o título e comenta, mas ele não leu o texto. O título é só o título, você tem que ler o maldito texto para compreender qual é a mensagem, mas pelo título o cara tira uma conclusão e acabou. Então, recebe um fragmento da informação e já comenta. E não é só ler, não. Assistir a um vídeo, o cara também não assiste: pelo título, ele já faz um comentário. Isso é muito complicado, não sei se em outro país existe um número tão grande de pessoas como no Brasil que têm esse comportamento. Nunca vi nenhum estudo sobre isso, mas é assustador. Essa relação é bem difícil e muito desgastante, às vezes, mas inerente ao trabalho da gente, não dá para virar as costas e viver fora disso.

Você tem um passado de trabalho em diferentes áreas. Quais são os elementos distintivos do jornalismo na área esportiva e na área futebolística? Existe alguma especificidade?

Me lembro quando fui trabalhar na revista *Forbes* logo que a redação foi formada. Era meio uma colcha de retalhos, com gente que vinha de diferentes publicações, e eu tinha saído de uma revista de automóveis. Quando a gente saiu para almoçar com a turma toda, formamos uma mesa grande, e uma pessoa me perguntou de onde vinha. Quando disse que também tinha trabalhado com futebol, o sujeito fez uma careta extremamente preconceituosa. Ele fez uma crítica a respeito da cobertura esportiva, realmente existe muita coisa ruim, mas respondi: o jornalismo econômico também não cansa de fazer bobagem.

Houve durante muito tempo um preconceito grande em relação ao jornalismo esportivo e acho que isso diminuiu porque vários jornalistas que trabalham com esporte já mostraram, com o passar do tempo, que são capazes de falar sobre outros assuntos e que não são, obrigatoriamente, pessoas limitadas que só falam de futebol. Acho até que nas redes sociais, nós, que trabalhamos com esporte, com toda essa questão de Bolsonaro, pandemia, somos mais atuantes do que jornalistas que atuam em outras áreas. Comprando brigas, inclusive, tomando pancadas e sendo criticados. Mas acho que a imprensa esportiva deixa a desejar em muitas coisas. Tem coisas que são fracas, são ruins e são malfeitas. E isso me incomoda bastante.

Como você vê a questão de o jornalista ter de se movimentar em um cenário de trabalho que é mais precarizado e mais fragilizado? O que se pode fazer em relação a isso?

Eu comecei a trabalhar na máquina de escrever, peguei essa fase. Mas sempre

“Eu falo com as pessoas. Para comentar sobre o assunto de que trato hoje, tenho que conhecer os bastidores”



“QUEM TEM VOCAÇÃO, FICA FASCINADO QUANDO PERCEBE O QUÃO BACANA É SER REPÓRTER. VOCÊ APURAR OS FATOS E CONTAR A HISTÓRIA É, DISPARADO, A PARTE MAIS LEGAL DA PROFISSÃO

me preocupei em tentar acompanhar essas modificações e essas mudanças: em 1997, fazia uma revista e saí correndo atrás de algum parceiro para colocar em um site para entender minimamente como funcionava aquilo. E quando vieram as redes sociais, a mesma coisa. Acho que é fundamental acompanhar essas mudanças que são muito importantes e, hoje em dia, YouTube é mercado de trabalho, não é hobby. É mercado de trabalho para quem consegue se desenvolver ali dentro. Acho que o maior problema hoje, pelo menos na área esportiva, é a quantidade de jovens jornalistas que não querem ser repórteres, mas querem ser comentaristas.

Aí se desenvolveu o quê? Garotos que se formam em jornalismo e não são jornalistas, são analistas táticos no futebol. Não entrevistam ninguém, não conhecem o bastidor. Sempre falo: não sou comentarista, estou comentarista. Sou repórter e vou morrer repórter. Eu falo com as pessoas, ligo para as pessoas. Para comentar sobre o assunto de que trato hoje, tenho que conhecer um pouco dos bastidores. Eu não posso saber a mesma coisa que o cara que consome a informação, tenho que ir atrás de mais alguma coisa. E a maioria dos jornalistas que comentam futebol na televisão hoje não fazem isso.

Quando algum garoto diz que quer cobrir esporte, sempre digo: vai ser repórter. Seja um bom repórter e o resto vai acontecer naturalmente. Se você for cobrir futebol de várzea e tiver um blog sobre futebol de várzea, todos os jogadores daqueles times vão ler as suas matérias, os parentes dos jogadores vão ler suas matérias. Vai escrever sobre o jogo, entrevistar os caras, encontrar histórias fantásticas. O que mais tem é história para contar, mas quem quer escrever sobre a várzea? Não, quer escrever sobre o Real Madrid ou o Chelsea na Champions League. Acho que essa distorção já atrofia o começo de carreira de muita gente.

Agora, a relação com o trabalho acho que piorou bastante em relação a quando comecei. Hoje tem mais oferta, mas tem mais gente brigando pelo espaço. Quando fui fazer faculdade, tinha apenas uma faculdade de jornalismo que não era pública no Rio de Janeiro. Hoje, tem um monte. Uma das razões por que interrompi minha aventura acadêmica foi essa. Reprovava um aluno na faculdade sem a menor condição e, no outro semestre, o cara estava lá. Quer dizer, na verdade estão só pegando o dinheiro daquela pessoa.

Então, acho que a relação mudou, piorou por esse aspecto, mas existem outras oportunidades, e a questão é conseguir identificar. Como o exemplo da várzea, vou pegar um campeonato que ninguém cobre e fazer um canal no YouTube, vou ter um nicho e esses caras vão me acompanhar. Não sei se isso vai dar dinheiro de início, mas dará experiência e vai ser um belo laboratório. Mas pouca gente quer

fazer isso ou ninguém quer fazer isso. O garoto ou a menina que começa a trabalhar com esporte quer ir para a televisão para falar sobre futebol, quando você tem que construir, ao menos, um caminho para chegar nesse objetivo.

E esse caminho é tão legal. Se desenvolver profissionalmente, fazer boas matérias, aprender a cada dia com a profissão, é a melhor coisa! Eu sou completamente apaixonado pela minha profissão. Eu queria ser jornalista com nove anos de idade. Eu narrava os meus jogos de botão, fazia uma revista e dois jornais, escrevia em folha de caderno e falava que ia ser jornalista e ia trabalhar com futebol. Quando entrei na profissão, descobri que não gostava do jornalismo esportivo, mas do jornalismo. E que nasci para ser jornalista, é a paixão da minha vida. Quem realmente tem vocação, gosta de ser repórter, quer ser repórter e fica fascinado quando percebe o quão bacana é a atividade. Você apurar os fatos e contar a história para as pessoas é, disparado, a parte mais legal da profissão.

Há um desinvestimento em produção de reportagens, com enxugamento de equipes, acúmulo de tarefas nas mãos de poucos. Os veículos especializados em esporte vão no mesmo caminho?

Acho que vão no mesmo caminho. Eu citaria como exemplo o Lúcio de Castro, meu amigo. O Lúcio de Castro é um dos maiores repórteres do Brasil. Em um país minimamente razoável, que o Brasil me parece que não é, ele seria disputado a tapa pelas redações, porque esse cara vai te entregar uma bela matéria investigativa. Mas esse cara está fora do mercado, porque o jornalismo muitas vezes abraça a irrelevância. E prefere ficar na espuma, não quer a profundidade. E você não cria outros Lúcios de Castro, porque se o Lúcio de Castro não consegue emprego e está fazendo sozinho o trabalho dele, com o

site dele, por que o garoto vai querer ser o Lúcio de Castro?

O Lúcio fez na ESPN, por exemplo, o *Dossiê Vôlei*, com denúncias de toda aquela picaretagem que envolvia dirigentes, e que gerou três ou quatro menções no *Jornal Nacional*. Fica muito claro que o jornalismo, quando bem-feito, funciona melhor que qualquer ação de marketing. Imagina ter um canal esportivo que é citado no *Jornal Nacional* três, quatro vezes, em um intervalo de três, quatro, cinco semanas, por conta de uma série de reportagens. Quanto custaria isso para a empresa americana se fosse comprar esse espaço? E esse cara foi dispensado por um burocrata que virou chefe, e ele está fora do mercado.

O nome do site do Lúcio de Castro é Agência Sportlight. Por quê? Por causa do filme *Spotlight*, ganhador de Oscar, que é uma história verídica. Todo mundo achou lindo e sensacional quando viu o filme, mas quantas empresas têm pessoas em cargos poderosos que viram o filme e quiseram montar uma redação assim? Ninguém fez isso. A única lembrança que há hoje do filme *Spotlight* na imprensa brasileira é o nome da agência do Lúcio de Castro.

Como surgiu essa ideia de montar o canal no YouTube? Por que você fez um investimento ali?

A gente estava em um jogo da Liga dos Campeões para cobrir, não lembro qual, e eu fiz um vídeo de torcida, com o celular. Achei aquilo legal e queria compartilhar, mas não tinha Instagram ainda. Foi em 2011. O Twitter não tinha vídeo. Eu não usava o Facebook e fiquei pensando onde iria jogar aquele vídeo. Então pensei no YouTube. Fui e criei o canal ali na hora, na bancada do estádio, e subi o vídeo. Passei a publicar alguns vídeos de torcida e ambiente de estádio. E o canal ficava ali parado sem muita movimentação.

Um dia, percebi que, ao final de cada

Mauro Cezar Pereira

programa que fazíamos, sempre havia pela rede social pessoas pedindo para falar sobre determinados assuntos que não entraram na pauta. Então, percebi que estava na hora de começar a mexer mais com isso e comecei a publicar os vídeos com regularidade maior. E quando chegou 2018, na época da Copa do Mundo, passei a publicar vídeos diários. E aí o canal foi crescendo. Em meados de 2018, na época da Copa da Rússia, eu tinha 50 e poucos mil inscritos e, no final de 2020, tinha mais de 500 mil.

Calculo que hoje, se somar as redes sociais e o canal no YouTube, entre seguidores e inscritos, embora se repitam muitos deles, são cerca de 2 milhões de inscrições. Essa é a maior maravilha para o jornalista, porque, para falar com as pessoas, eu dependia do jornal onde escrevia, da rádio onde falava ou da televisão onde fui trabalhar. Hoje, falo com elas diretamente e não dependo de nenhum deles, seja no meu canal do YouTube ou nas minhas redes sociais. Isso é um poder que foi socializado. Não é mais só deles. Basta que você construa essa estrada, e ela tem alguns percalços, que são os *haters*, aporrinhação, o desgaste. Mas com o tempo a gente vai aprendendo a lidar e vai levando adiante, é maravilhoso.

Quando você monta o seu canal de YouTube, de onde vem o recurso?

O canal começa a monetizar, como eles falam, a partir de um determinado número de inscritos e uma determinada audiência que você alcançou. Então, quanto mais audiência você tem, você vai faturar mais. Um percentual é do YouTube, outro percentual fica para quem tem o canal. E aí tem outros meios indiretos.

Eu entendo o YouTube como um parceiro e não um patrão. Ele não é meu patrão e nem eu sou o patrão dele. Ele é um parceiro e me oferece toda a estrutura para colocar vídeos no ar, em uma página que é só minha, onde domino completamente a parte editorial e sou responsável por tudo que faço. O YouTube é que comercializa, não tenho que ter departamento comercial. Eu não teria condições. Como faria em um site, sozinho, com recursos próprios? Montaria um site, com servidores e com tudo, para subir aqueles vídeos todos. Eu teria que ter uma estrutura absurda que inviabilizaria. E teria que ter alguém vendendo os anúncios. Sem contar que a audiência é gerada pelo próprio YouTube. Se uma pessoa vai ver um vídeo sobre futebol e meu canal está dando boa audiência, automaticamente o YouTube vai sugerir para essa pessoa que nem me conhece, ou não me acompanha.

E há outros meios, como clube de membros. Eu produzo alguns conteúdos exclusivos, e algumas pessoas pagam de R\$ 2,99 a R\$ 14,99. E, ao mesmo tempo, o mais legal é que tem muita gente que colabora para manter o canal autossustentável.

ENTREVISTA

Mauro Cezar Pereira

No começo, eu ficava receoso, mas depois pensei: trabalhei a minha vida inteira em empresas que cobram pelos meus serviços, me remuneram como querem e ficam com a fatia maior do bolo.

E essa é a melhor parte: não ter patrão, não ter que me reportar a nenhum chefe. Hoje não tenho que ficar me reportando a alguém. Agora, não é simples construir isso. Pelo contrário: eu fiquei alguns anos, todo santo dia, publicando vídeo, de forma disciplinada, e fazendo todas as outras coisas que fazia: trabalhando, varando madrugadas, atualizando o canal depois de noites de futebol, indo dormir três, quatro da manhã. Toda noite de quarta-feira, quinta, domingo, todos os dias do ano durante alguns anos, até chegar a um nível em que o canal reuniu força para, junto com outras atividades que eu tenho, pudesse fazer uma escolha.

Mas você acha que ter 2 milhões de seguidores te dá mais liberdade editorial ou menos? O que isso muda ou influencia na sua linha editorial?

Não, acho que não influencia. Talvez dê mais responsabilidade, porque está falando para mais gente e tem que ter muito cuidado, coisa que nem todo mundo tem. De vez em quando, um ou outro colega publica alguma coisa de forma precipitada e gera uma interpretação errada. E não tem filtro, você vai postar sem mostrar a alguém para saber o que acha. Acho que a responsabilidade é maior. O estrago de um eventual erro também tende a ser maior.

Como você percebe essa questão das plataformas como Facebook, Amazon e outros streamings entrando no futebol? Para nós, jornalistas, é mais oportunidade ou é um cenário ainda mais confuso?

Eu acho que o torcedor não vai comprar esses pacotes todos e alguns vão naufragar porque não vai ter essa demanda toda. Falta, muitas vezes, cuidado com o produto. Uma coisa é um jogo, na TV aberta, mais popular, falando para o povão, e que você também não paga nada para ver. Outra é um produto que você paga e tem que ter outra qualidade. Qualidade que eu falo é de transmissão, que às vezes deixa a desejar, e qualidade daquilo que é falado. Acho que algumas transmissões são absolutamente sofríveis e incompatíveis com aquilo que você tem que pagar. Um produto fechado em TV fechada, pago à parte, tem que ter outro nível de transmissão, com muita informação, muita qualidade. E você pode até vibrar mais em gol de time brasileiro, é compreensível, mas sem demonizar o time argentino. Esse tipo de patacoada joga contra a profissão, joga contra o jornalista esportivo e desestimula os torcedores a assinar, porque o cara tem uma experiência ruim quando vê aquilo ali.



ARQUIVO PESSOAL

O JORNALISMO MUITAS VEZES ABRAÇA A IRRELEVÂNCIA. E PREFERE FICAR NA ESPUMA, NÃO QUER A PROFUNDIDADE

Igual a camisa [do clube] pirata. A camisa é caríssima, então o cara compra a camisa pirata. Se tivesse uma mais barata, de uma qualidade razoável, mas não igualzinha à do jogador, uma réplica honesta com a marquinha do fabricante e tudo, o sujeito preferiria comprar. Como não tem, ele vai em frente ao Pacaembu, naquele varal, compra a piratinha e veste a camisa do time dele. Isso existe no mundo inteiro, porque o preço é proibitivo, e é o que está acontecendo: os caras colocam uma quantidade grande de pacotes e acho que não vai ter esse povo todo para comprar. Eu duvido.

Quando você começou a trabalhar com esporte, ia ao vestiário depois do jogo e fazia entrevistas ali. Hoje, isso acabou. O que o jornalista perde com essa transformação e o que o público perde?

Antigamente acho até que era exagerado, né? O cara estava tomando banho, enrolado na toalha, é um negócio constrangedor. Mas era normal, se você não entrasse ali, não entrevistava ninguém. Com relação às mulheres, inclusive, era uma situação constrangedora, porque tinha um monte de caras andando pelados e as repórteres tinham dificuldades. Até os caras se sentiam mal. Isso acabou, e tinha que acabar. Mas o que fizeram? Copiaram o modelo europeu e há um certo exagero. O repórter hoje tem que buscar informação além das entrevistas, até porque as entrevistas com os jogadores não rendem muita coisa boa e, na maioria das vezes, são muito rasas. A apuração mais legal na cobertura esportiva é do entorno que você consegue fazer.

Acho que os clubes erram muito porque adotaram esse modelo da coletiva e botam, às vezes, o jogador reserva, e um jogador importante fica semanas sem dar entrevista. Existe uma situação no Super Bowl, nos Estados Unidos, que tem o dia

no qual todos os jogadores do elenco ficam em uma grande sala, em mesas, e os repórteres do mundo inteiro podem abordar os atletas e entrevistar ali na hora. Acho que os clubes deveriam criar situações deste tipo.

Outra coisa que está acontecendo também e é grave são os clubes cada vez mais investindo nas suas TVs. E isso é marketing, não é jornalismo. O que sempre digo: se você acessar o site da Prefeitura do Rio de Janeiro, está tudo maravilhoso, nem pandemia existe para o Eduardo Paes. Outro dia ele estava diante do Cristo Redentor, tirando fotinho. E com gente à beça internada, com o colapso na saúde. Se você acessar o site da Prefeitura, não vai encontrar nenhuma denúncia, nenhuma grande reportagem e nada negativo, óbvio. A mesma coisa com o prefeito de São Paulo ou um governador, o que for. Então, você acompanhar as mídias do clube ou o site do clube é acompanhar o mundo maravilhoso da fantasia que não existe.

Cheguei a falar isso uma vez: se eu decidisse alguma coisa, nunca colocaria vídeo de entrevista coletiva de técnico ou de jogador fornecido por televisão de clube. As perguntas que eles selecionam são as mais insossas. No dia que tiver algo relevante, aí vou usar, mas tem de haver um crivo editorial. As emissoras de televisão e os sites acho que não perceberam isso. Não deveriam usar porque jornalisticamente é irrelevante e estão só tapando buraco com um material fraco que é marketing, não é jornalismo.

Nas transmissões de futebol, incorporaram-se às equipes de jornalismo uma série de ex-jogadores. Como você enxerga isso? Eles se alçaram ao jornalismo ou são apenas uma jogada de marketing das emissoras para aumentar a audiência?

Alguns jornalistas não são jornalistas,

“Você pode vibrar mais em gol de time brasileiro, mas sem demonizar o time argentino. Isso joga contra a profissão”

viram só analistas táticos, porque não entrevistam ninguém, não escrevem matéria e analisam apenas a parte tática de um jogo. Têm um diploma, mas, na prática, exercem outra coisa que não é jornalismo. Esses ex-jogadores são contratados também não como jornalistas, mas para falar de futebol e daquilo que eles supostamente conhecem porque participaram do campo por muito tempo. Pouquíssimos deles eu paro para ouvir, com todo respeito a eles. Porque muitos não gostam do futebol como eu gosto de futebol, ou como um cara que está em casa gosta de futebol. Eles gostavam de jogar futebol porque nasceram com um dom para isso, mas é diferente de você gostar mesmo de futebol, para ver jogo ruim, bom, mais ou menos.

O único cara que jogou bola, e quase não abre a boca, mas que quando escreve eu leio a coluna dele, é o Tostão. Os outros têm momentos. Casagrande fala coisas legais muitas vezes. Tem um ou outro, mas isso é uma opinião minha, como consumidor. Há muito mais jornalistas que se preparam para comentar futebol e são melhores que os jogadores, então parece mais uma estratégia de marketing ter um atleta que é conhecido.

Você foi alvo, em 2019, de um ataque promovido pela Federação Brasileira dos Treinadores de Futebol (FBTF) por meio de uma nota oficial que questionava e repudiava sua atuação profissional após críticas aos técnicos Vanderlei Luxemburgo e Abel Braga. Na época, o Sindicato dos Jornalistas emitiu uma nota de desagravo em seu favor. Como você avalia a importância da atuação do Sindicato?

A importância é muito grande. Na época, procurei o Sindicato, pedi que se manifestasse e o Sindicato se manifestou. Acho até que o Sindicato devia ser mais atuante em relação a isso, especialmente em casos como esse, que acaba sendo uma tentativa de intimidação e de nos calar, como fizeram ali, e o Sindicato me apoiou. O Sindicato deveria apoiar mais os jornalistas na guerra contra os *haters*. Nessa guerra, que estou travando há alguns anos, o Sindicato nunca se manifestou. Deveria também nos procurar para nos apoiar em situações como essas. A guerra contra os *haters* não é de um jornalista, mas de todos nós. ■

SINDICAL

PRIVATIZAÇÃO DA EBC

Perigo para a comunicação pública do país

Trabalhadores lutam contra o Plano Nacional de Desestatização, que põe em risco setores essenciais para o fortalecimento da democracia, do desenvolvimento nacional e da cidadania do povo brasileiro

por Eduardo Viné Boldt

O projeto de comunicação pública no Brasil está em perigo. Os ataques promovidos pelo governo Bolsonaro contra as estatais alcançaram a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) com a sua inclusão no Plano Nacional de Desestatização (PND). Os decretos foram publicados no *Diário Oficial da União* no dia 9 de abril. Com isso, o governo federal está a uma “canetada” de enterrar um projeto que, a duras penas, tem sido construído nos últimos 90 anos.

Extinguir a EBC foi promessa de campanha do presidente, que buscava acenar aos conglomerados de comunicação e ao setor financeiro com uma agenda de reformas e privatizações. A empresa, que tem sedes em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, sofre ataques desde a sua fundação, no final de 2007, por exercer “concorrência” em um setor caracterizado pelo monopólio. Ataques que muitas vezes se utilizam de informações falsas e dados distorcidos.

Luta contra a privatização

Com o avanço do processo de privatização, os empregados e entidades representativas se articularam em diversas frentes, como no Congresso Nacional, para tentar impedir mais esse desmonte. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e os sindicatos de jornalistas e radialistas se reuniram no início de maio com Martha Seillier, secretária especial do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) do governo federal.

Segundo a secretária, sua equipe pretende lançar nos próximos meses edital para contratação de consultoria, com o objetivo de avaliar a necessidade da existência da estatal e definir a forma de desestatização da empresa. Martha se comprometeu a abrir espaço para as entidades mas, apesar da aparente cor-

dialidade, afirmou que, caso os técnicos apontem para a essencialidade da comunicação pública, pode haver concessão à iniciativa privada.

Esse modelo de concessão já é majoritário no setor de comunicação brasileiro, o que hoje provoca uma “hipertrofia” dos grandes conglomerados de comunicação. “A comunicação, bem como outros bens culturais, tem que estar a serviço da população e não condicionada à venda de publicidade, como hoje vemos majoritariamente nas concessões” afirma Maria José Braga, presidenta da Fenaj.

Comunicação pública

A criação da empresa em 2007 cumpriu determinação prevista na Constituição federal. Além disso, empresas públicas de comunicação são estratégicas e estão presentes por todo o mundo. “A comunicação pública existe em todos os países e é necessária para garantir informações que não são nem as institucionais do governo nem as de emissoras que visam o lucro. No Brasil ela vem desde a década de 1930 com a Rádio MEC, passa pela criação das TVs educativas e da Radiobrás e tem como pontos altos a previsão do sistema público no artigo 223 da Constituição e a Lei 11.652, que regulamenta o sistema público no Executivo federal e cria a EBC”, afirma Jonas Valente, empregado da EBC e pesquisador associado do Laboratório de Políticas de Comunicação (Lapcom) na Universidade de Brasília (UnB).

O desmonte do caráter público da estatal já está em curso, desde 2016, com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Sob o argumento de contenção de gastos, a EBC sofre críticas por não dar “lucro” e ter pouca audiência em sua emissora de televisão, a TV Brasil. Isso apesar de a emissora chegar a 7º lugar em audiência no país. “A gente reforça que a EBC é uma empresa que produz informação e



conteúdo para sete emissoras de rádio, dois canais de televisão, duas agências de notícias”, esclarece Daniel Ito, diretor do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal. “Se utilizarmos os recursos do fundo que foi criado junto com a EBC [CRFP - Contribuição para o Fomento da Radiodifusão Pública] – hoje ele está em torno de um bilhão e meio de reais –, só esse dinheiro é capaz de sustentar a EBC por três anos sem um centavo a mais do governo federal”, conclui.

A Empresa Brasil de Comunicação oferece um serviço que alcança milhões de brasileiros direta ou indiretamente. Seja por jornais, revistas, rádios e emissoras de televisão que reproduzem o conteúdo produzido pelos trabalhadores das suas agências, seja pelas frequências emitidas pela estatal. Chega a territórios onde não há outros veículos noticiosos. Através desses conteúdos, o direito à informação é garantido a uma parcela significativa de cidadãos brasileiros

Para o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, essa luta se inscreve num combate com o conjunto dos trabalhadores, contra a liquidação do patrimônio estratégico do povo brasileiro. A luta é contra o próprio Plano Nacional de Desestatização, em defesa dos Correios, da Caixa Econômica Federal, da Eletrobras e da Empresa Brasil de Comunicação. ■

Bolsonaro volta a permitir redução de salários por acordos individuais

A orientação é entrar em contato com o Sindicato caso o empregador apresente proposta de redução ou suspensão de contrato

Por Medida Provisória, o governo autorizou que as empresas voltem a reduzir salários e jornadas, reeditando o programa que, em 2020, atingiu a renda de mais de 1.600 jornalistas.

Não existe negociação individual entre empregado e patrão quando este quer cortar salário. O SJSP está à disposição da categoria para, a qualquer momento, se reunir com os profissionais e debater coletivamente como enfrentar a questão em cada local de trabalho.

Entenda: <https://bit.ly/3nAAHou>

SINDICATO INICIA PROCESSO ELEITORAL

No fechamento desta edição, a Comissão Eleitoral eleita por uma assembleia de sindicalizados preparava o edital que convoca a eleição do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. A atual gestão se encerra em agosto, após três anos de condução da entidade.

O processo começa com a inscrição de candidaturas: chapas que queiram concorrer à Diretoria e profissionais que queiram compor a Comissão de Ética devem apresentar a documentação necessária até o dia 7 de junho. Para a comissão, as candidaturas são individuais.

Em decorrência da pandemia, e preocupada com a segurança sanitária, uma assembleia de jornalistas sindicalizados decidiu, excepcionalmente, a adoção de sistema de votação virtual. A eleição será, portanto, híbrida, pois haverá também urnas presenciais nos locais com maior número de filiados para quem encontrar dificuldade com o voto online.

Atualize seus dados cadastrais. O voto será garantido a todos que estejam em dia com as mensalidades, mas será mais fácil se suas informações pessoais, como e-mail e telefone celular, estiverem corretas. Você pode fazer isso em: <http://bit.ly/AreaSind> ou pelo telefone (11) 94539-9699

FOTOJORNALISMO



O primeiro abraço: dor, luto e resistência

fotos Mads Nissen

O primeiro abraço”. A foto ao lado, captada em 5 de agosto de 2020, em São Paulo, tornou-se a grande vencedora do World Press Photo 2021. Seu autor é o dinamarquês Mads Nissen, de 41 anos, que veio ao Brasil no ano passado, assim que visualizou a amplitude do desastre em curso com a pandemia. Nissen, que já havia vencido o prêmio em 2015, atendeu prontamente ao contato da jornalista Adriana Franco, do *Unidade*, após o anúncio do prêmio, em 15 de abril, respondendo suas perguntas (entrevista completa em bit.ly/2RBiADE) e enviando as fotos para a composição destas páginas.

A América do Sul é um ambiente conhecido pelo fotojornalista, que morou na Venezuela na adolescência, é casado com uma colombiana e já fez várias reportagens pelo continente. Sobre sua decisão de viajar ao Brasil, responde: “Senti uma grande urgência de documentar a crise sanitária com os meus próprios olhos. Dos cemitérios às favelas, vi o sofrimento e o luto, mas também a resistência, a esperança e a cordialidade que são tão vivos na cultura brasileira”. E, com indignação, aponta a responsabilidade direta de Jair Bolsonaro pela amplitude da tragédia.

Sobre a foto vencedora, Nissen narra que, durante a reportagem, ouviu falar da “cortina do abraço”, que casas de acolhimento de idosos estavam adotando: uma grossa folha de plástico transparente, com dois pares de mangas, para que as pessoas pudessem se abraçar sem ter contato direto. Numa primeira casa, vivenciou muita emoção, mas as condições não eram boas para as fotos.

Na residência Viva Bem, porém, chegou no momento que a “cortina” seria inaugurada. Havia muita expectativa de idosos e seus parentes, além de uma excelente luz solar que banhava a cena. Os idosos estavam isolados havia cinco meses. “Eu procurava um tipo de emoção humana universal que transcende tempo e espaço. Essa é a imagem fotográfica que eu amo. A fotografia na qual sou tocado por mim mesmo. Tentei chegar ao cerne, mantendo tudo simples. Ângulos retos, sem fundos, só a pura emoção”, relata.

“Foi assim que fiz esta imagem de Adriana abraçando Rosa. Apenas fiquei ali com a minha câmera, um pouco emocionado. Foi tão alegre e comovente testemunhar todo esse amor e ternura neste país que está sofrendo tanto durante esta pandemia mortífera.”

Mads Nissen afirma que se sente “profundamente honrado” por receber o prêmio com um trabalho “que não apenas documenta a dura brutalidade desta pandemia, mas pode também inspirar esperança, compaixão e solidariedade entre todos nós”. Acompanhe um pouco do trabalho de Nissen nestas duas páginas do *Unidade*. **(texto de Paulo Zocchi)** ■

A enfermeira Adriana Souza abraça Rosa Lunardi, de 85 anos, na imagem vencedora do World Press Photo 2021. É seu primeiro abraço em cinco meses, com o uso da “cortina” de plástico, em residência de idosos, em São Paulo. À direita, membros do Ballet de Paraisópolis ensaiam com máscaras na escola, na favela da zona sul paulistana, em agosto de 2020: seus cuidados contrastam com a falta de apoio ao isolamento que obrigou as pessoas a saírem para trabalhar, expondo-se ao contágio pelo vírus





Na favela de Paraisópolis, em São Paulo, o voluntário Leonardo Runyo visita residência, fazendo testes para diagnosticar a covid-19 em moradores (no alto, à esq.), bem como seu colega (acima, à dir.); Ronald Apaza toca o caixão do pai, Simon, de 81 anos, vitimado pelo coronavírus, no cemitério de Vila Formosa (à esq.); embaixo (à esq.), idosa em estado grave, no Hospital do Mandaqui, em São Paulo; à dir., médicos do Samu atendem Balbina Santos, de 99 anos, em Campo Grande (MS). As fotos são de agosto de 2020



BOLETIM

Reuniões setoriais sobre precarização do trabalho

A Comissão de Registro e Fiscalização do Exercício Profissional (Corfep), da diretoria do Sindicato, iniciou um calendário de debates com setores da categoria sobre pejetização, uberização e outras questões relativas às condições de trabalho. Até o momento, foram realizadas reuniões com assessores de imprensa da Baixada Santista e com repórteres fotográficos, em parceria com a Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos de São Paulo (Arfoc-SP). Acompanhe nossas redes sociais para novas datas, com cinegrafistas, designers, ilustradores e assessores.

Fruto da reunião do litoral, no aniversário do Sindicato (15/4) houve uma live com Paulo Galo, dos Entregadores Antifascistas. Veja como foi: <https://bit.ly/3xHdzq>

Decisão judicial reafirma condenação da Record

Quase cinco anos de salários como indenização a cada um dos 27 jornalistas demitidos em retaliação à paralisação do R7, movida pela alteração da escala de final de semana. Essa decisão foi confirmada em segunda instância, junto com a determinação de pagamento de R\$ 200 mil por danos morais coletivos em favor do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Saiba mais: <https://bit.ly/3dP6n5g>

Campanhas salariais de Rádio e TV...

Cinco meses após a data-base, as emissoras protelam o prosseguimento da negociação, e ainda não deram resposta à última contraproposta enviada pela assembleia dos jornalistas. O Sindicato chama a categoria a debater e se mobilizar. Saiba mais: <https://bit.ly/3xrx6xD>

... e de Jornais e Revistas

Na capital e no interior, os jornalistas aprovaram, em março, as pautas de reivindicações, que foram entregues pelo Sindicato aos patrões. Os jornalistas reivindicam reajuste salarial pela inflação e 3% de ganho real, a criação de cláusulas que regulem a jornada e outros itens no home office, licença-maternidade de seis meses e licença-paternidade de 20 dias. Saiba mais: <https://bit.ly/3cYcsdz>

Sindicalizada(o) tem nova área no site

No canto superior direito do nosso site, cada jornalista sindicalizado pode se cadastrar e ter acesso à emissão de boletos, atualizar informações cadastrais e envio de foto para carteira sindical. É aqui: <https://bit.ly/3vHRLfr>

Nosso Sindicato fez 84 anos

No dia 15 de abril, quando comemoramos a fundação dessa trajetória de lutas, publicamos um vídeo em comemoração. Assista: <https://bit.ly/3e9jKyz>

RESENHA

The New York Times Magazine faz Decamerão da covid

por João Marques

Assim que começou a pandemia de covid-19, cresceu, em todo o mundo, a procura por livros escritos ou ambientados em outras épocas pandêmicas da história. Quando falei, aqui, da distopia *A nova ordem*, de B. Kucinski, comentei sobre um dos procurados, *Um diário do ano da peste*, de Daniel Defoe. Publicado em 1722, o livro mistura ficção e reportagem e conta a história da peste que atingiu Londres em 1665; mas a lista é extensa. Outro exemplo, obra-prima da prosa clássica italiana, é *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, escrito entre 1348 e 1353, logo após a grande peste. Em março de 2020, seus estoques começaram a se esgotar nas livrarias dos EUA; esse fenômeno inspirou os editores do *The New York Times Magazine* a organizar uma antologia. Enquanto o coronavírus avançava sobre os seis continentes, convidaram 29 autores para escrever suas histórias da pandemia. A primeira versão desse projeto foi publicada na revista, em julho do ano passado. Meses depois, saiu o livro, que, traduzido para o português, acaba de ser lançado no Brasil: *O projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia*, vários autores (Rocco, 320 págs.).

Florença, século 14, os infectados pela peste desenvolvem protuberâncias e manchas escuras pelo corpo, aparentam saúde pela manhã e à noite, estão mortos;

no livro de Boccaccio, dez jovens entram em quarentena, se isolam numa casa de campo e ficam por dez dias, se protegendo e celebrando a vida; comem, cantam e se revezam, contando histórias uns aos outros, e é exatamente esse o espírito de *O projeto Decamerão*. “Ler histórias em tempos difíceis é um modo de compreender esses tempos, além de uma ferramenta para seguir em frente”, escreve a escritora canadense Rivka Galchen, na introdução do livro, e acrescenta: “Os contos são salvadores, ainda que o entretenimento seja uma das principais maneiras pelas quais eles podem salvar uma vida”.

Além das histórias que podem salvar, o livro apresenta relevante recorte da produção literária contemporânea mundial. Escritores dos EUA, Reino Unido, Canadá, Paquistão, Irlanda, Marrocos, China, Israel, Sérvia, Chile, Etiópia, Itália, Nigéria, Irã, Haiti e, ainda, dois autores de língua portuguesa, o brasileiro Julián Fuks e o moçambicano Mia Couto, participam desse projeto. No conto do israelense Etgar Keret, o toque de recolher acaba, mas ninguém mais quer sair de casa, estão felizes longe dos outros; o estadunidense John Wray escreve sobre um jovem que aluga cães para passear, usados para burlar as restrições; a canadense Margaret Atwood, de *O conto da aia*, fala de um alienígena enviado à Terra, como parte de um pacote de auxílio interestelar; narrada em primeira pessoa, pelo marido, história bem-humorada do italiano Paolo Giordano descreve a rotina de casa depois que seu enteado volta a morar com a mãe; no conto de Mia Couto, narrador confunde agente de saúde, que bate à sua porta para medir a temperatura, com assaltante armado; reflexiva, a história de Julián Fuks trata das mortes pela pandemia no Brasil, tanto o falecimento das pessoas, quanto a morte do tempo. ■

DICAS DE FILMES, SÉRIES E DOCUMENTÁRIOS

por Cineclube Vladimir Herzog

Decameron

Pier Paolo Pasolini (ITA/FRA, 1970)

Com *Os contos de Canterbury* e *As mil e uma noites*, filme compõe trilogia e faz adaptação de nove histórias de *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio.

📺 https://youtu.be/n458v3X1_HY

A vida de Miles Davis

Don Cheadle (EUA, 2015)

Em decadência, abusando das drogas, trompetista sai de cena para recuperar a saúde; determinado a publicar matéria exclusiva, jornalista não respeita seu isolamento.

📺 <https://www.youtube.com/watch?v=XUmDXHE7QW0&t=1981s>

A comilança

Marco Ferreri (ITA/FRA, 1973)

Com Marcello Mastroianni. Quatro amigos decidem se enclausurar num casarão, querem se matar de tanto comer. Censurado, estreou no Brasil em 1979.

📺 <https://www.youtube.com/watch?v=bETj4mlup5g>

Repulsa ao sexo

Roman Polanski (Reino Unido, 1965)

Rodado em Londres, com Catherine Deneuve, filme faz parte da “trilogia do apartamento”, composta também por *O bebê de Rosemary* e *O inquilino*.

📺 <https://www.youtube.com/watch?v=hT3oY3SxZIo>

DICAS DE LEITURA

Elas marchavam sob o sol

Cristina Judar

Dublinense, 160 págs.

Com uma narrativa cercada por violência, perseguição religiosa e perda de liberdade e direitos, jornalista lança novo romance que acompanha a vida de duas jovens.

Os dois mundos de Isabel

Daniela Arbex

Intrínseca, 304 págs.

Jornalista conta a saga de Isabel Salomão de Campos, fundadora do centro espírita Casa do Caminho, que atende crianças e famílias em situação de vulnerabilidade social.

Vista Chinesa

Tatiana Salem Levy

Todavia, 112 págs.

A partir de fato real, autora cria ficção e conta a história de Júlia, sócia de escritório que atuava em projetos na Vila Olímpica, no Rio de Janeiro, e é vítima de estupro no Alto da Boa Vista.

O som do rugido da onça

Micheline Verunsch

Cia das Letras, 168 págs.

Autora constrói narrativa que entrelaça trama do século 19 ao Brasil contemporâneo e, com lirismo, trata de temas como memória, colonialismo e pertencimento.

O ar de uma teimosia

Ana Elisa Ribeiro

Macabéa, 150 págs.

Professora analisa correspondências de Clarice Lispector, Lucia Machado de Almeida e Henriqueta Lisboa, mostra as suas dificuldades para publicar e revela o poder masculino que estava (e ainda está) presente no mercado literário.



Decameron, de Pier Paolo Pasolini, adapta nove histórias de Boccaccio

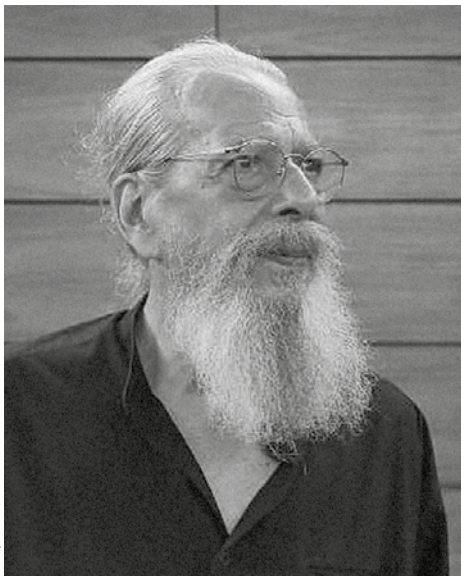
Nostalgia

Andrei Tarkovski (ITA/URSS, 1983)

Filme acompanha o poeta Gorchakov, em sua ida à Itália para pesquisar sobre a vida do compositor russo Beryósovsky, que viveu naquele país por vários anos.

📺 <https://www.youtube.com/watch?v=gHlcpEg0w>

MEMÓRIA



ARQUIVO PESSOAL

Com voz forte e palavras delicadas, Alípio dedicou sua vida a transformar o mundo

Estação Liberdade e produziu, com a TVT, o documentário *1964 - Um golpe contra o Brasil*.

No Memorial da Resistência de São Paulo foi curador de duas exposições: *A Luta pela Anistia: 1964-?* (2009) e *Insurreições: expressões plásticas nos presídios políticos de São Paulo* (2013). Três anos depois, cedeu seu arquivo pessoal de cartas e objetos pessoais para a exposição *Carta Aberta: Correspondências na Prisão*.

Ele envelheceu na idade, não na vontade, menos ainda no sonho e na resistência. No filme *Nada será como antes? Nada*, de Renato Tapajós, que tem como pano de fundo a primeira campanha eleitoral do PT, em 1982, há um memorável registro de Freire. Ao ser perguntado sobre a busca pelo socialismo, o então candidato indica a tarefa. “Construir uma ponte para a utopia, uma sociedade em que, em primeiro lugar, sejam expropriados todos os meios de produção; estaremos todos os trabalhadores proprietários dos meios de produção; isso é necessário, mas não é suficiente. É necessário mais uma coisa. É necessário que a gente desde já recoloca a questão da felicidade e do prazer. Uma revolução, uma mudança radical na sociedade que não fale da felicidade e do prazer, que não fale da possibilidade de todos nós, reconhecendo todas as diferenças, podermos conviver enquanto trabalhadores, isso aí não terá cumprido seu papel. (...) Nós temos de nos comprometer a construir desde agora, desde já, a ponte para nós chegarmos a essa felicidade. Não dá para deixar esses temas para depois. Não dá para tratar só da economia. É preciso tratar do que vai por dentro de cada um de nós. É preciso tratar de toda ansiedade, todos os desejos, de toda a perspectiva e todo sonho que temos dentro da gente. E que a classe trabalhadora de conjunto tem dentro de si. Isso é fundamental para chegar lá, do contrário viraremos uns burocratas, uns velhos. Teremos um Estado na mão, um aparelho, uma máquina. Teremos um Estado forte, faremos guerra. Daremos mais um sapato para João, um vestido à Maria. Mas a felicidade não é só isso, embora isso seja indispensável para a felicidade. Nós queremos o sonho. Como diria Calígula: nós queremos a Lua, algo que seja aparentemente impossível. E nós teremos a Lua”.

Quem lembra vive duas vezes. Lembremos Alípio, jornalista, poeta, artista plástico e homem livre. Que seu exemplo siga vivo nas novas gerações de quem luta pelo fim da propriedade e em favor da construção de pontes para a utopia. Em 22 de abril, seu coração parou de bater, depois de muito lutar. Sua batida segue sendo a nossa, a da luta pela vida, com felicidade, emancipação e prazer. ■

Alípio Freire: jornalismo, resistência e utopia

por Alexandre Linares e Cecília Figueiredo

Um sinônimo para a palavra resistência é Alípio Raimundo Viana Freire. Todos lembram do “Putabraço!” do comunista baiano, nascido em Salvador em 4 de novembro de 1945, que dedicou sua vida a transformar o mundo, por meio da ação, intervenção e pelas palavras, no jornalismo.

Sua voz era forte como um trovão. Suas palavras, delicadas como poesia. Dono de humor peculiar e de uma generosidade imensa. Contava histórias como poucos. Durante a ditadura militar, fez parte da dissidência revolucionária Ala Vermelha do PCdoB. Aos 23 anos, o jornalista foi preso pela Operação Bandeirantes (Oban), enfrentou torturas e interrogatórios por três meses. Transferido para o Presídio Tiradentes, ali esteve de 1969 a 1974.

Atuou em publicações como *Luta Proletária*, *União Operária* e foi colaborador no *ABCD Jornal*, publicação regional impulsionada pela Ala Vermelha no ABC. Foi editor da revista *Teoria e Debate* (1993-1995), fundador da *Revista Sem Terra* (MST), fez parte do conselho político do jornal *Brasil de Fato*, que ajudou a fundar, trabalhou na comunicação das prefeituras paulistas de Diadema e Campinas, além de uma infinidade de trabalhos e colaborações que circulam em nossas mãos.

Foi fundador do PT e integrou a primeira direção estadual do partido em São Paulo. Dedicou suas últimas décadas ao trabalho de denúncia dos crimes da ditadura militar e à punição dos responsáveis. Organizou, em parceria com Izaías Almada e José Adolfo Granville Ponce, *Tiradentes, um presídio da ditadura: memórias de presos políticos*, uma coletânea de textos de ex-presos políticos que estiveram no Presídio Tiradentes durante a ditadura civil-militar. Deixou também poesias, nos livros *Estação Paraíso* e

CONHEÇA AS FORMAS DE MENSALIDADE DO SINDICATO DOS JORNALISTAS DE SP

PROPORCIONAL

para jornalistas com vínculo empregatício

1% DO SALÁRIO

com TETOS de R\$ 38 para o Interior, Litoral e Grande SP
R\$ 60 para a Capital

FIXA

R\$ 38 Interior, Litoral e Grande SP
R\$ 60 Capital

SOLIDÁRIA

Quantia voluntária com valor suplementar

PARA ACERTAR SUA FORMA DE CONTRIBUIÇÃO, ENTRE EM CONTATO: atendimento@sjsp.org.br ou (11) 94539-9699



COLUNA DO JUCA

Os pingos no inacreditável

por Juca Kfoury

NEGACIONISMO
OCUPANDO O QUE
DEVERIA SER
JORNALISMO,
A PONTO DE TER
UMA VOZ DE
LOS ANGELES
QUE RECUSOU
A VITÓRIA DE
JOE BIDEN
ATÉ DEPOIS DA
POSSE DELE

Impossível dissociar minha adolescência da rádio Panamericana.

Joseval Peixoto narrando “as bandeiras estão tremulando, tremulando”, e Leônidas da Silva, “que conhece porque esteve lá”, comentando.

E o *Show de Rádio*, com Estevam Sangirardi e seus personagens símbolos dos torcedores dos clubes grandes paulistas, o grã-fino Didu Morumbi, o breaco Joca, o Comendador Fumagalli, o Zé das Docas, que faziam você rir mesmo depois de uma derrota. E o meu time mais perdia que vencia.

A Pan, muito antes de ser Jovem Pan, sempre foi conservadora, jamais burra e panfletária.

Com o jornalismo dirigido por Fernando Vieira de Mello, fazia pesquisas tão bem feitas que, na eleição para prefeito paulistano em 1985, cravou, contra todos os demais institutos, a vitória de Jânio Quadros sobre Fernando Henrique Cardoso. Doe, mas acertou.

E tinha o “Homem do Tempo”, Narciso Vernizzi, e o “re-pita”, para enfatizar o horário.

Meu rádio à prova d’água só pega a Pan e costume tomar banho antes do almoço ou do jantar.

Daí muitas vezes ouvir *Os Pingos nos Is*, dissonante de programação equilibrada, capaz de imprimir ferida tão esquizofrênica à Pan que há quem a chame de Jovem Ku Klux Klan.

Voltada para expressiva audiência fundamentalista, suas enquetes, sempre a favor do governo federal, dão resultados que se aproximam invariavelmente de 100%, com o negacionismo ocupando o que deveria ser jornalismo, a ponto de ter uma voz de Los Angeles que recusou a vitória de Joe Biden até depois da posse dele; outra de Brasília que prima pelo reacionarismo; mais uma, do Rio, contra Oswaldo Cruz e, em São Paulo, um apresentador que mais parece agente funerário, co-adjuvado pelo inacreditável camaleão neopentecostal Urubu de Taquaritinga.

Este mistura esgares com certezas sobre a morte política de Lula, a impossibilidade de Boulos chegar ao segundo turno na eleição municipal passada e entrevistas com astros da extrema direita, além de babar ovo até para Roberto Jefferson e se achar “jornalista independente”. Como se diz nas redações, o mais perto que chegou do Prêmio Pulitzer foi ao agredir Glenn Greenwald.

Passado o governo genocida, será difícil para a Pan recuperar a imagem. Uma pena. ■

TRAÇO LIVRE | por JJBZ

